



ANNO I

LVSITANIA

N.º 10

REVISTA CATHOLICA MENSAL

COM APPROVAÇÃO DA AUCTORIDADE ECCLESIASTICA

Porto, 1 de Outubro de 1914

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

ASSISTENTE ECCLESIASTICO

Dr. Ferreira Pinto

PROPRIEDADE DA COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA



SUMMARIO

S. S. Bento XV—Philosophia, Mgr. Domingues Mariz. —Liz:te o Romantismo, Martins Semblano. —A Sebenta d'um calvoiro, Gonçalves Cerejeira. —Os Fastos, Visconde de Castilho. —Chronica do mez, João de Castro.

PREÇO

Numero avulso.	150 reis
Por assignatura	{ seis mezes. 750 >
	{ um anao 1\$500 >

Todos os pedidos devem ser dirigidos á COMPANHIA PORTUGUESA EDITORA
Rua da Boavista, 307 — PORTO

Collaboradores da LUSITANIA

D. Antonio Barroso, D. Antonio Barbosa Leão, D. Augusto Eduardo Nunes, D. Manoel Vieira de Mattos, Dr. Ferreira da Silva, Dr. Antonio Garcia de Vasconcellos, Dr. Pacheco d'Amorim, Dr. Correia Pinto, Dr. Lino Netto, Dr. Domingos Pinto Coelho, João Franco Monteiro, Dr. Elias d'Aguiar, Dr. Agostinho de Jesus e Souza, Dr. Antonio Bento Martins Junior, D. José d'Azevedo e Menezes, Dr. Antonio Jorge d'Almeida Coutinho e Lemos Ferreira, Dr. Mendes dos Santos, Dr. Santos Motta, Dr. Antonio d'Oliveira Salazar, Padre Guimarães Dias, Dr. Silvio Péllico, Mons. Domingues Mâriz, Dr. Almeida Correia, Dr. Gonçalves Cerejeira, Dr. Castro Meirelles, Dr. João Ramos de Castro, Dr. João Cavaco, Dr. Pinheiro Torres, Dr. Agostinho Coutinho, Dr. Manoel Pereira dos Reis, Dr. Juvenal d'Araujo, Gomes Leal, José Agostinho, Visconde de Castilho, Padre Nestor Serafim Gomes, Dr. Fortunato d'Almeida, Dr. Ruella Ramos, Dr. Ferreira Pinto, Dr. Crispiniano da Costa, Conego Dr. Antonio Bernardo da Silva, Dr. Antonio de Carvalho e Dr. Arthur Bivar, Dr. Cunha Barbosa, Dr. Leite de Faria, D. Francisco d'Almeida, Zuzarte de Mendonça, Padre João Adelino Monteiro Vacondeus, Dr. Cunha e Costa, etc.

Historia da Igreja em Portugal

POR

Fortunato de Almeida

Bacharel formado em Direito, Professor do Lyceu de Coimbra, Socio do Instituto da mesma cidade, da Sociedade de Geographia de Lisboa, e da Sociedade Portugueza de Estudos Historicos

Volumes publicados

Tomo I—Desde as origens do christianismo na península até á morte de D. Diniz (1325). Um volume de 800 pag., 2\$500 reis. — **Tomo II**—Desde a aclamação de D. Affonso IV até á morte de D. João II (1325-1495). Um volume de 812 pag., 2\$500 reis.

Em publicação

Tomo III—Desde a aclamação de D. Manoel I até á morte de D. João V (1495-1750). Dois volumes. Estão publicados sete fasciculos. — **Tomo IV**—Desde a aclamação de D. José I até á proclamação da republica (1750-1910). Um volume. — **Tomo V**—Os acontecimentos no tempo da republica. Um volume illustrado com grande numero de photographuras, e com muitos documentos.

Cada fasciculo de 80 pag., 250 reis. A cobrança é feita pelo correio, por grupos de dois fasciculos, depois de distribuidos.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

IMPRENSA ACADEMICA 157, R. da Sophia
= COIMBRA =

LUSITANIA

REVISTA CATHOLICA MENSAL

Com a approvação da Auctoridade Ecclesiastica

ANNO I

N.º 10

PORTO, 1 DE OUTUBRO DE 1914

Director: Dr. Francisco de Sousa G. Velloso

Editor: Dr. Manoel Gonçalves Cerejeira

Propriedade da
Companhia Portugueza Editora

Redacção:

Rua da Cancellia Velha, 70 — PORTO

Typ. Teixeira — Mario Antunes Leitão
Rua da Cancellia Velha, 70

S. S. BENTO XV

A continuidade historica da Igreja Catholica está de novo affirmada. O *non prevalebunt* prophetisado por Jesus Christo, reavigora-se com a força de todas as legendas que o transcurso dos séculos successivamente corrobora.

— Sua Eminencia o Cardeal Della Chiesa foi eleito papa com o nome de Bento XV!

Rasgou-se um periodo na historia. A thiara que ha pouco ainda, descansava como despojo de um cadaver e envolucro de um espirito extinto, sobre as lages de um sepulchro, já de novo resplandece, entre as magnificas pompas da côrte pontificia, sobre a fronte de um novo *rei dos reis, arbitro do mundo, chefe da Igreja Catholica, Vigario de Jesus Christo na terra.*

Os hossanahs da multidão na Basilica vaticana, encontraram poderoso echo no jubilo de todos os povos, que quer no conforto incerto d'uma paz ameaçada quer por entre os horrores d'uma guerra cruentissima, ainda houveram animo para saúdar o novo Papa, aquelle que detem em suas mãos o segrêdo da Paz vivedoira, — a puresa e a soberania da Doutrina Christã!

De facto, da manutenção plena e integral da doutrina catholica e da defeza do tradicional prestigio e supremacia do poder espiritual e temporal da Egreja, atravez dos tempos revólto de hoje, adveem para o novo Soberano Pontifice árduos e violentos labores.

O pontificado tão illustre de S. S. Pio X tem a marca-o na historia a encyclica *Pascendi* que desmascarou o monstro proteiforme do modernismo. Conseguiu-se que ao fim d'este reinado a defeza e a concentração catholica estivessem, senão realizadas, iniciadas ao menos. Todavia o perigo não se dissipou e possível é que, apesar das provações dos nossos dias, o modernismo resurja com a mesma duplicidade e a mesma hedionda sugestão. Impedir a renovação d'este mal, eis um dos problemas impostos ao espirito e ao coração do Papa eleito.

A seguir a elle vem um outro desenhado pela mão do destino na têla da actualidade: — o problema da acção externa da Egreja.

Certo é que a Providencia divina suscita nos Pontifices homens conhecedores das necessidados espirituaes do seu tempo e assistidos por um fulgurante dom de previsão, e que a acção de todos os Papas constitue sempre uma sequencia de beneficios para a humanidade, sem desfallecimentos, sem hiatos, por isso mesmo que uma mesma doutrina de redempção preside a ella.

Bento XV sobe os degráus do supremo solio n'uma hora de enormes desavenças internacionaes, que as raças e nações em conflicto procuram baldadamente resolver pelo aniquillamento, pelo egoismo, e, pela morte.

Assim, á Egreja e ao Seu chefe superior, que, como disse Thiers, estão sempre muito acima de todos os interesses particulares, impende o dever de intervir e de exercer a sua acção pacificadora, equitativa e justa, sob o ponto de vista externo. Dentro das boas normas, dentro dos principios, tal como no pontificado de Leão XIII, o Papa manterá com a elevação e nobreza de sempre o prestigio internacional da Egreja de Christo, reis dos reis.

Quem é o novo Papa?

Pelo juizo dos coevos e cooperadores, Della Chiesa é o

espírito scintillantissimo do homem de Estado, prezo n'um pequeno corpo, mas insuflado por uma grande alma cheia de piedade e de fervor. Se como chéfe d'Estado, Della Chiesa reproduz as qualidades e virtudes do saudoso Leão XIII, como Papa elle resume aquella simplicidade commovedora e branda que foi o encanto de Pio X, aquella piedade na oração que fazia assombro de todos os que algum dia lograram assistir á Missa celebrada pelo humilde padre que era o príncipe de Tindaro!...

Os factos decorridos já na velha Europa desde a eleição pontificia, dão-nos medida segura da estatura moral de Bento XV, e mostram-nos a verdade d'estas afirmações insuspeitas do *Temps*:

« Della Chiesa é uma das energias mais firmes na sua fina tèmpera, e mais obstinadas da Egreja de hoje. Elle não foi eleito como oportunista amavel e complacente, mas, pelo contrario, como um homem de vontade e decisão, o homem necessario a esta grande hora de perturbação e de crise. »

Homem do seu tempo, espirito integrado na tradição catholica pura, elle é já o combatente audaz e arguto em prol dos direitos temporaes da Egreja que chefia. Mas se no campo politico Bento XV se demonstra o estadista superior cujo apoio moral todos os Estados estão procurando obter, a sua acção no campo religioso vê-se ahi florente e grandiosa, abraçada á do Seu antecessor, de santa memoria, no renascimento de fé que por toda a parte onde a guerra restruge furores de insanía, vem subindo magnifico, como prova eloquente de que a hora do perigo é a hora da redempção!...

A *Lusitania*, revista essencialmente catholica, de cultura scientifica, curva-se reverente deante de Sua Santidade Bento XV, protestando ao Vigario de Jesus Christo, ao supremo Chefe da Egreja Catholica a sua inalteravel obediencia e filial affecto.

Dominus vivificet eum et conservet eum!

PHILOSOPHIA

Num tempo em que é lançada ao desprezo a *Philosophia*, sobretudo a *Metaphysica*, seja-me permittido escrever nesta Revista algumas linhas em favor do Estudo d'esta Sciencia.

Summario : Philosophia, sua natureza, objecto, fim, relações com a sciencia em geral, com cada classe de sciencias. Philosophia considerada como systematisação e a mais alta generalisação das sciencias.

1.º — Natureza da Philosophia

O termo Philosophia, do grego *philos* amigo e *sophia* sabedoria, significa amor da sabedoria, desejo de saber. Foi empregado pela primeira vez, no dizer de Cicero, por Pythagoras, sabio da Grecia, para substituir com mais modestia os termos *sophos* sabio, e *sophia* sabedoria.

Philosophia é a sciencia que tracta dos principios supremos dos seres em quanto conhecidos pela razão humana. A Philosophia é sciencia e não conhecimento vulgar, porque é um grupo de conhecimentos *certos, gerais, ligados entre si*, relativos a um *objecto determinado*, e tendo por fim a *explicação* do mesmo objecto.

A Philosophia tracta dos principios supremos. Principio é aquillo de que alguma cousa procede, e pôde dar a explicação porque que a cousa é de um modo e não de outro. Os principios gerais das cousas são: a *causa*, a *origem*, a *essencia* (ou *natureza*), e o *fim*.

Causa é o que produz uma cousa. *Origem* é o modo como o effeito procede da causa, por exemplo os primeiros seres vivos tiveram a sua *origem* por criação e os posteriores por geração. *Essencia* ou *natureza* é a collecção de attributos strictamente exigidos para que um ser seja o que é, e donde deriva tudo o que no ser se encontra, por exem-

plo a *essencia* do homem é a animalidade com a racionalidade. *Fim* é aquillo para que uma cousa é produzida, por exemplo o fogo é destinado para queimar.

As sciencias tractam dos principios mais ou menos proximos dos seres; a Philosophia sobe até aos ultimos principios, a saber: *a primeira causa — a origem suprema — a essencia primitiva — o fim ultimo* dos seres.

Os principios supremos, de que a Philosophia tracta, são conhecidos pela razão humana. As verdades conhecidas pela Revelação divina são o objecto da Theologia sagrada.

Esta definição de Philosophia não convem sómente á parte d'ella chamada *Metaphysica*, mas convem a toda a Philosophia, o que se verifica ponderando o objecto d'esta sciencia.

2.º — Objecto e fim

Objecto. Cada sciencia tem o seu objecto particular e é pelo objecto que as sciencias se distinguem umas das outras. O objecto pode ser *material* e *formal*. O primeiro é o assumpto de que se tracta, o segundo é o ponto de vista sob o qual o assumpto é tractado.

Varios objectos *materiais* pôdem constituir um só objecto *formal* por serem considerados sob um ponto de vista. O que distingue as sciencias entre si é o objecto *formal*.

Cada sciencia tracta do seu objecto, explicando-o pelos principios mais ou menos proximos. Assim inquire as *causas*, as *leis*, as *origens*, a *natureza*, os *fins* das cousas de que se occupa, mas a Philosophia vai mais longe, sobe até aos principios supremos, como dissemos.

A Philosophia tracta do *mundo*, do *homem* e de *Deus* em quanto conhecidos pelas faculdades cognoscitivas do homem e no ponto de vista dos principios supremos d'estes objectos, a saber: *causa primeira*, *origem suprema*, *essencia primitiva* e *fim ultimo*. Embora o objecto *material* seja triplice, é um só o objecto *formal*.

As sciencias *physicas* e as sciencias *biologicas* (*bios* vida, *logos* tractado), tambem se occupam do *mundo*, mas sob outro ponto de vista, porque estudam os principios mais ou menos proximos.

A theologia sagrada tambem tracta de Deus, mas emquanto conhecido principalmente pela revelação divina. Varias sciencias estudam o homem sob diferentes pontos de vista, mas a Philosophia procura conhecer a alma do homem. Ora para lhe conhecer a essencia, a natureza tem de analysar as suas faculdades, as suas funcções e as leis d'essas funcções, que é estudo experimental ou dependente da observação. D'aqui vem que, occupando-se a Philosophia dos principios supremos da *alma humana*, estuda por isso tambem as *faculdades e funcções* da mesma, com as respectivas *leis*.

Fim. Conhecido o objecto da Philosophia, fica conhecido o seu fim, porque toda a sciencia tem por fim dar a explicação do seu objecto. Mas a Philosophia além da parte especulativa tem tambem a pratica: — Do conhecimento do homem infere *as regras de bem proceder* para que possa alcançar o seu fim; do conhecimento do mundo conclue o modo *como ha de uzar dos seres* em harmonia com a natureza dos mesmos; do conhecimento de Deus, das suas infinitas perfeições, das suas relações com o mundo em geral e com o homem em particular deduz como ha de *amá-lo e obedecer-lhe*.

3.º — Relações da Philosophia com a Sciencia

Os antigos, segundo Cicero, entendiam por Philosophia: — A sciencia das cousas divinas e humanas e das suas causas. — Assim definida a Philosophia é synonymo de sciencia, porque primitivamente ella aspirava á explicação de todas as cousas; crescendo porém, a somma dos conhecimentos humanos, o espirito sentiu a necessidade de dividir a sciencia em ramos que constituíram sciencias á parte, cada qual com objecto proprio.

A Philosophia ficou formando uma sciencia especial, *superior* ás outras sciencias humanas pela amplitude e excellencia do seu objecto e pelos serviços que presta á sciencia. Provemos:

a) A Philosophia define *sciencia*, distingue-a do conhecimento vulgar e *classifica* as sciencias;

b) Mostra o que é *certeza*, que o espirito humano tem meios de attingir a certeza, e quais esses meios ou *critérios*, ora a *certeza* é condição necessaria de toda a sciencia;

c) Desenvolve a delicadeza da *observação* e da *experiencia* em beneficio das sciencias cosmologicas (*cosmos*, mundo physico); — a força e o habito da *reflexão*, necesarios nas sciencias *noologicas* (*noos*, espirito): — e a necessidade de inquirir as *razões* e as *causas* das cousas, sem o que não ha verdadeira sciencia;

d) Fornece ás sciencias as *noções communs* a todas, (noção de *ser*, de *substancia* de *causa*...); e os *principios racionais*, que são a condição do pensamento, (principio de contradicção e outros);

e) Expõe a theoria sobre o *methodo*, suas especies, suas regras, sua applicação a cada especie de sciencias. Ora o methodo é indispensavel para o encadeamento dos conhecimentos scientificos, sem elle é impossivel formar-se o edificio scientifico;

f) Synthetisa os resultados gerais das sciencias. Apoia-se nos resultados certos a que cada sciencia chega na sua esphera de acção, e procura formar uma ampla synthese das verdades e chega ás mais altas generalidades scientificas.

A este papel de *synthese*, ou de unificação das sciencias é que os *positivistas* erradamente limitam o objecto da Philosophia.

4.º—Relação da Philosophia em cada classe de sciencias

a) *Sciencias mathematicas*. A Philosophia fornece ás Mathematicas as noções de *unidade*, *grandeza*, *numero*, *estensão*, *espaço*, etc., bem como os axiomas mathematicos, por exemplo — *duas quantidades eguais a uma terceira são eguais entre si* — etc. Em compensação as Mathematicas habituum o espirito ao raciocinio deductivo e a desprender-se das realidades sensiveis para melhor comprehender as abstracções metaphysicas.

b) *Sciencias physicas*. A Philosophia ministra a estas sciencias as noções de *força*, *movimento*, *causa*, *efeito*, *sub-*

stancia, accidente, lei, phenomeno, etc. — e bem assim o principio de *causalidade*, (todo o effeito tem sua causa; ou melhor, — o que começa a ser tem a sua razão de ser noutra, ou tem uma causa externa), o principio de *finalidade* (tudo tem o seu fim), e outros. A seu turno as sciencias *physicas* prestam auxilio á *Philosophia*: A *Physica* ajuda-a no estudo das *sensações dos sentidos exteriores*; a *Chimica* concorre para a solução do problema da *essencia* dos corpos; a *ordem do Universo*, que as sciencias *physicas* nos revelam, proporciona á *Philosophia* um argumento da existencia de Deus.

c) *Sciencias biologicas*. A *Philosophia* offerece a estas sciencias os noções de *vida, genero, especie, differença, propriedade, accidentê*, e os principios de *causalidade, finalidade, etc.*... Em virtude da intima União da alma com o corpo, o estudo da alma humana, que é feito na *Philosophia*, contribue para melhor conhecer o corpo humano, objecto d'algumas das sciencias biologicas, por exemplo da *Phisiologia*. Por sua vez o estudo do corpo humano feito na *Anatomia*, na *Phisiologia*, na *Pathologia, etc.*, facilita e auxilia o estudo da alma.

d) *Sciencias morais e sociaes*. Estas sciencias vão pedir á *Philosophia* as noções de *liberdade, bem, bello, direito, dever, merito, demérito*...; os principios da *distincção entre bem e mal, obrigação moral, responsabilidade, etc.*; as regras da *critica historica, da hermeneutica geral, etc.*... A seu turno a *Philosophia* recebe d'estas sciencias, (da *Historia* da *Philosophia* e outras), preciosas informações sobre o homem para complemento dos estudos *psychologicos*.

e) *Theologia sagrada*. Os serviços prestados pela *Philosophia* á *Theologia sagrada*, são compendiados por S. Thomaz d'Aquino nestes termos: « Serve primeiro para demonstrar certas verdades que sendo os preambulos da Fé, são necessarios á sciencia da Religião, por exemplo o que a razão natural nos ensina ácerca de Deus, da sua existencia, da sua unidade, e muitas outras verdades sobre Deus, ou sobre as creaturas que a razão demonstra e que a Fé supõe. Em segundo logar para explicar por meio de comparações as cousas da Fé, como fez S. Agostinho, que nos

seus livros sobre a *Trindade* se serve de comparações pedidas ás sciencias philosophicas para explicar o mysterio. Em terceiro logar para resolver as difficuldades contra a Fé».

A theologia sagrada por seu lado auxilia a sciencia philosophica, servindo-lhe de guia seguro, porque as descobertas da razão humana não podem ser contrarias ás verdades ensinadas pelo proprio Deus.

4.º—Philosophia como systematização das sciencias

a) Cada sciencia tem ou pode ter a sua philosophia. Se a sciencia procura dar a razão das suas noções, dos seus principios fundamentais, do seu methodo e dos resultados gerais a que chegou, synthetizando-os e relacionando-os com os resultados gerais das outras sciencias, chama-se a esse trabalho philosophia d'essa sciencia.

Tambem as artes podem ter a sua philosophia. A philosophia das artes fórmula as leis, segundo as quais o artista, (poeta, orador, musico, etc.) produz as suas obras primas, e as leis que dirigem o desenvolvimento e transformação das artes.

Assim como cada sciencia pode ter a sua philosophia, assim tambem segundo muitas ha uma *philosophia das sciencias*, uma, por assim dizer, sciencia das sciencias. Esta coordena todos os nossos conhecimentos e os organisa num vasto systema. E' o campo em que o *positivismo* indevidamente encerra a Philosophia, a qual Augusto Comte, patriarcha do positivismo, define — *a systematização das sciencias*, — e Herbert Spencer — *o saber completamente unificado*.

b) *Objecto* da philosophia das sciencias. As principais questões de que tracta a philosophia das sciencias são: 1.º — Natureza das sciencias, suas condições, seus limites e suas especies ou *classificação*; — 2.º — Methodos das diversas sciencias; — 3.º — Principios das sciencias, isto é, noções fundamentais, verdades universais sobre que repousam, e hypotheses necessarias para a sua constituição; — 4.º — Coordenação dos resultados gerais das sciencias.

e) *Divisão* da philosophia das sciencias. Segundo os

positivistas a Philosophia reduz-se á sciencia das sciencias, ou philosophia das sciencias, e por isso dividem-na em harmonia com a sua classificação das sciencias. Os corypheus do positivismo não classificam as sciencias do mesmo modo, por isso tambem divergem na divisão da Philosophia. Alguns dividem-na — em philosophia das sciencias mathematicas, (Mathematica), — das sciencias physicas, (Cosmologia), — das sciencias naturais, (Biologia), — das sciencias sociaes, (Sociologia). A Biologia comprehende nesta classificação os problemas — *biologico* — *zoologico* — *anthropologico* — *psychologico* — *logico* — *moral* — e *religioso*.

CRITICA

Os que consideram a Philosophia como a mais alta generalisação das sciencias são, como dissemos, os *positivistas*; ora estes põem fóra do quadro das sciencias a *Metaphysica*, que trata da *essencia* e *naturesa* das cousas, o que, segundo elles é incognoscivel. porque só podemos conhecer os phenomenos, as manifestações, as propriedades das cousas.

a) A Philosophia assim considerada tem um ambito muito mais restricto do que aquelle que sempre lhe attribuiram os sabios. As questões sobre a causa e origem primeiras, essencia, natureza e fim ultimo dos seres são postas de parte, como incognosciveis.

E' manifesto o erro dos positivistas e dos que com elles pensam.

Baseiam-se em que o unico meio de conhecer que temos são os *sentidos externos*, (ver, ouvir, etc.), quando a verdade, a todos patente, é que tambem conhecemos muitas cousas pela *consciencia* e pela *razão*. Portanto o objecto que os positivistas attribuem á Philosophia é apenas uma parte do seu verdadeiro objecto, porque ella comprehende tambem o estudo da alma humana; das regras para conhecer a *verdade*, praticar o *bem* e realizar o *bello*; o estudo de Deus, causa primeira de todas as cousas; e bem assim o estudo de essencia, natureza e fim ultimo dos seres. Essen-

ciar o objecto da Philosophia, é patentear a summa importancia e utilidade da mesma, tais são os problemas a cuja solução ella se applica.

b) De nenhum modo podem ser contadas como capitulos da *Biologia*, segundo pretendem os sequazes do positivismo, a Psychologia, a Logica, a Moral e a Theologia racional. Pelo que respeita á Theologia racional, como poderam lembrar-se de fazer d'ella um problema de *Biologia*? Esta ultima sciencia tracta da vida animal, (*bios* vida), mas a Theologia racional tem por objecto o conhecimento racional de Deus, da sua natureza, dos seus attributos, das suas relações com o mundo e com o homem.

Quanto á Psychologia, á Logica e á Moral, que estudam a alma humana e as leis que a regem em ordem á verdade e ao bem, é manifesto que não são simples problemas biologicos. A *Biologia*, como dissemos, estuda a vida animal, ora o animal é destituído de *razão* e de *liberdade*, ao passo que o homem é *racional e livre*. Reduzir estas tres partes da Philosophia a tres problemas biologicos equivale a reduzir o homem *racional e livre*, á classe e condição de *mero animal*, contra o que protestam a verdadeira sciencia e o bom senso.

6.º — A Philosophia thomista

O conhecimento da natureza, objecto, fim da Philosophia e das suas relações com as sciencias torna patentes a importancia e utilidade d'ella. Ha porém, systemas philosophicos erroneos. Quando apregoamos a utilidade d'esta sciencia, entendemos a Philosophia christã, nomeadamente a que segue os passos do grande doutor S. Thomás d'Aquino, cujo estudo o Papa Leão XIII restaurou nas escolas.

São da Encyclica *Aeterni Patris* d'este illustre Pontifice as palavras com que pomos remate a este estudozinho: «Só com grave injuria se pode attribuir á mesma philosophia o defeito de oppor-se ao adeantamento e progresso das sciencias naturaes; pois que os Escolasticos, seguindo o parecer dos Santos Padres, tendo ensinado na Anthropologia que a intelligencia só por meio das cousas sensiveis pôde elevar-se ao conhecimento dos seres incorporeos e

imateriais, têm comprehendido por si mesmos que nada ha mais util para o philosopho do que investigar attentamente os segredos da natureza, e applicar-se por largo tempo ao estudo das cousas physicas.

«Isto mesmo fizeram elles ; porque S. Thomás, o bem-aventurado Alberto Magno e outros principes da Escolastica não se entregaram á contemplação da Philosophia de tal sorte que não dessem tambem grande attenção ao conhecimento das cousas materiais ; antes n'essa ordem de conhecimentos muitas das suas affirmações, muitos dos seus principios são approvados pelos mestres modernos, que reconhecem sua exactidão. Além d'isto, mesmo n'este tempo muitos e insignes doutores das sciencias physicas têm dado publico testemunho de que entre as affirmações certas e verdadeiras da physica moderna e os principios philosophicos da escola não existe realmente contradicção alguma».

MGR. DOMINGUES MARIZ

Prof. do Seminario Conciliar de Braga.

Liszt e o Romantismo

Les exagérations du romantisme de 1830 n'ont pas eu dans la sphère musicale de représentant plus fidèle que Mr. Liszt.

Felix Clément.

Esta afirmação do illustre critico, na sua obra « *Les musiciens célèbres* », é quasi duma rigorosa verdade. Se não existisse Paganini. . .

Mas o extranho violinista — a mais subtil compleição de *virtuose*, que tem apparecido no mundo — é uma figura musical inteiramente á parte. Esse homem, que ainda depois de morto fez desencadear em volta de si uma tempestade de paixões e de rancôres, tem qualquer coisa de sobrenatural e diabolico. No seu arco feiticeiro, como na varinha duma mága, havia o segredo da voz da Malibran e das risadas de Satanáz.

Paganini é « *hors concours* » ; Liszt, o « *grand-prix* ». Eis uma distincção que me parece engenhosa.

Radica-se em nós a opinião de Clément fixando um pouco detidamente a lithographia de Devéria, guardada como um precioso documento no Museu da Opera. É um retrato do Franz adolescente. Quasi imberbe. Corpo esbelto e esguio, fragil como a haste duma planta. Attitude lassa, de abandono. Cabellos sóltos e revóltos. Rosto comprido, magro, infantil. Olhos fatigados, melancholicos. Mãos nervosas.

É preciso conhecer um pouco a vida excepcionalmente agitada de Franz Liszt para comprehender bem o realismo do « *lapis* » de Devéria.

Liszt nasceu *doente*: uma doença que lhe adelgaça o corpo e lhe subtilisa o espirito. Ao vir ao mundo já traz

consigo o *mal romantico*. O tempo de creancice gasta-o na contemplação extatica dum mundo nôvo que o surprehen-de : a religião e a música dos zingaros.

Aos seis annos reproduz o *Concerto em dó sustenido de Ries*, que o Pae acabava de tocar ao piano. É o primeiro milagre. Uma febre violenta, com acessos de mysticismo e de loucura, apodera-se delle, arrastando-o ao limiar do túmulo. Ia talvez mirrar-se para sempre essa encantadôra promessa de ignotas maravilhas...

Mas Deus permittiu que revivêsse. Aos nove annos dá o primeiro concêrto, e pouco depois Vienna cae num deslumbramento aos seus pés.

Beethoven, o genio incomprehendido, ássiste a um recital, e, no meio dos applausos de todos os assistentes de pé, abraça commovido o pequenino Franz.

Em Paris é um delirio. Faz-se ouvir de tal maneira no Theatro Italiano, que a orchestra pára, esquecendo-se.

Um critico escreve, admirado :

« Le jeune Liszt, n'est point un de ces petits prodiges qu'on dresse en leur donnant des sucreries ou en les privant de nourriture.

C'est un vrai artiste, et quel artiste!...

De lui même, il se précipite vers le clavier; il semble surpris par les applaudissements. Ou ne comprend pas comment, de ces dix petits doigts, il peut exécuter les dessins les plus compliqués, frapper les accords les plus riches... »

E' o favorito dos grandes salões mundanos, « *le petit-Liszt* » da duquêsa de Berry. A aristocracia parisiense anima o *enfant gâté* como um objecto raro, um « *bibelot* » carissimo...

Diz Mr. Seudo :

« Les belles duchesses du faubourg Saint-Germain, emmerveillées de la prestesse de ses mains et de la grace enfantine de sa personne, le faisaient assoir sur leurs genoux, caressaient ses blonds cheveux. On se le passait, on se le prêtait comme un Bambino Santo, qui plus tard devrait raviver la glorieuse image de Mozart. »

Tinha apenas doze annos quando compoz a opera *Don Sancho*. A rigorosa disciplina de Czerny e Salieri reduzira

aos devidos termos, a pouco e pouco, a extrema foga-
sidade da sua naturêsa ardente. A *gymnastica mental*, que
praticáva em grande escala desde a mais tenra idade, per-
mittia-lhe agora o inacreditavel « tour de force » de poder
executar de memoria todas as *fugas* de Bach. Algum tempo
depois tocava á primeira vista qualquer musica, e ao re-
portorio do velho mestre allemão, já de si extenso, acres-
centava as mais difficeis e complicadas *Sonatas* e as ulti-
mas grandes *Symphonias* de Beethoven.

É um facto curioso constatar a familiaridade de Liszt
com o auctor do Fidelio. Já não havia segrêdos para quem,
desde o bêrço, aprendêra a soletrar, não em methodos vul-
gares, mas nas paginas scintillantes do grande cêgo de
Bonn.

Wagner confessa — e era o vaidoso Wagner! — que a
têcnica assimiladora de Liszt era tão prodigiosa que che-
gava a transformar a *reprodução* das *Sonatas*, uma verda-
deira *produção*...

Liszt começa a viajar pela Suissa, Inglaterra e Italia;
é a primeira série (permitta-se-me o têrmo) das suas *tour-
nées* de boémio. As fadigas não o consomem e apenas des-
cança em Paris o estritamente indispensavel. Continua sob
a direcção de professores eminentes e tambem dá lições ao
mundo elegante feminino da Capital. Apaixona-se então pela
Condessinha de Saint-Cricq. Tinha ella dezesseis, elle de-
zessete annos.

Talvez um amôr de creanças, mas nem por isso menos
sincero. A affeição desenvolveu-se na atmospha propicia
dum quasi « boudoir » onde os dois ficavam sós á tardinha,
contando as confidencias mutuas ao piano.

Mas o ministro de Saint-Cricq tinha um feitiço rûde e
porventura grosseiro. A esposa dissera-lhe ao morrêr: « se
elles gostam um do outro, porque não hão-de ser felizes.
Deixa-os... »

E contudo, uma vez que a lição se prolongára até á
meia noite, Liszt foi despedido...

Afastados assim tão cruelmente, os dois amantes não
cederam logo. A condessinha jurou amortallar-se num
convento... indo afinal cahir nos braços dum burguês.

Elle adoeceu. Doença bendita, porque foi o cadinho, onde se depurou o seu genio fecundo.

Repete-se, agravada, a mesma febre de quando era creança. Os mesmos desvairamentos, as mesmas visões, a mesma ancia de paz e de quietude.

Sentir-se-hia bem num claustro solitario, passando os dias monótonamente, dedicando-se com todas as forças da alma ao serviço do Senhor. Os desejos da carne, que principiavam a gritar impetuosos, como uivos de fêras, iria escondê-los num habito frio, rezando na capella, ajoelhado sob o palôr da lampada, como em tempos distantes na sua terra da Hungria...

Andara numa morôsa peregrinação — mas peregrinação agitada desde a sua aldeia aos castellos dos principes, a Vienna, a Paris, a Londres, á Italia...

Tinha a alma cançada; e o corpo franzino tambem lasso, estaria bem, recostado num berço de tranquillidade e de paz. Uma voz interior chamava-o a cada instante para o sacerdocio. E antegosava o magestoso espectaculo das suas bôdas com a Egreja — quando despido de todas as afeições do mundo jurasse no altar o sacrificio para todo o sempre e erguesse, nas mãos tremulas, o Calix d'oiro e a Hostia sacrosanta...

Às vezes tambem, com a face pallida nos almofadões, que duquêsas bordavam, tinha vontade de morrer. Uma vontade fremente de morrer, uma necessidade imperiosa de morrer devagarinho, os olhos meio-cerrados de volupia e de cançasso, devagarinho, saboreando a morte, e ouvindo uma musica embaladôra e suave, branda como a dos anjos...

Mas não tardou a reacção. Os olhos languidos animaram-se. Casualmente — talvez casualmente — veio-lhe ás mãos o *René*. E durante seis longos mêses de convalescença não fez mais do que lêr, relêr e meditar o *René*. Foi um braçado de lenha a atear a já poderosa fogueira da imaginação. Se até ahi era romantico, pela figura, pelo gôsto requintado, pela educação, pelo genio apaixonado, ficou depois ultra-romantico, ou melhor ainda romantico-doentio.

Atraz de Chateaubriand vieram os philosophos alle-mães, os poetas hellenos, a Biblia...

Satura-se de paginas e de lettras. Como um sybarita aprimorado, e as mais das vezes como um faminto, serve-se dos mais variados pratos: mistura os Doutóres da Egreja com os positivistas e racionalistas, o Cantico dos Canticos e os Sonétos de Petrarcha, os poetas heroicos e os poetas revolucionarios...

Satura-se de paginas e de lettras. Procura o exagêro e o requinte do sentimento. Só deixa de lér quando tomba esfalfado.

Mais tarde, ao recordar a sua crise, falla dos livros predilectos com uma paixão mal extincta: « ouço-os, leio-os, medito-os, devoro-os com furór... »

A phantasia exaspéra-se. Cae de joelhos quando relembra as perseguições em Roma, abraça as doutrinas Saint-Simonianas, compõe odes á Revolução...

Traz o espirito sedento de inéditismo. Ouve Paganini e Berlioz, e pensa logo em fazer uma *reforma musical*. *Romantisa-se* até ao refinamento.

« Il avait une manière à lui et tout romantique, en entrant dans la salle, de jeter ses gants aux laquais, de ramener ses longs cheveux en arrière par un geste plein de fierté... »

*Les mains fiévreuses parcouraient le clavier, tandis que ses yeux lancaient de torves regards, et qu'une noble sueur ruisselait le long de ses joues... »*¹

Ha uma caricatura anonyma — *O gallope chromatico* — duma realidade absoluta e que o define bem nesta epocha de exaltação. A cavallo no môcho tem os olhos penetrantes e fixos, e os dèdos afiados, como garras, percorrem o teclado em crispações macábras. Completam o scenario a figura burlêsca de Lablache e a figura esqueleica do regente d'orchestra Habeneck.

Liszt enriquece a arte musical de galas e de pompas nem sequer sonhadas. Mesmo normalmente conhece-se

¹ Felix Clément — *Les Musiciens célèbres*.

que tem febre. Depois de transformar no melhor e mais obediente escravo um Grard, lança-o fóra como um brinquêdo inutil. As casas constructôras rivalisam no estudo de aparelhos com mecanismo aperfeiçoado. Mas elle não cança; inventa *nuances e acompanhamentos novos*.

É preciso crear um modêlo, e apresentam-lhe o Piano-Liszt, um « *bijoux* » que elle não tardará a esquecer pela sua extranha mesquinhês ainda.

Este *virtuósismo* sem par assombra Berlioz; e das suas *tournées* na Allemanha envia-lhe uma carta, onde ha períodos assim:

« *Tu peux, modifiant le mot de Louis XIV dire avec confiance: L'orchestre c'est moi! le choeur c'est moi! le chef c'est encore moi! Mon piano chante, rêve, éclate, retentit; il défie au vol les archets les plus habiles; il a comme l'orchestre, ses harmonies cuivrées; comme lui et sans le moindre appareil, il peut livrer à la brise du soir son nuage de féériques accords et de vagues mélodies; je n'ai besoin ni de theatre, ni de décor fermé, ni de vastes gradins; je n'ai point à mé fatiguer par de longues répétitions; je ne demande ni cent, ni cinquante, ni vingt musiciens; je n'en demande pas du tout, je n'ai pas même besoin de musique. Un grand salon, un grand piano, et je suis maître d'un grand auditoire. Je me présente, on m'applaudit; ma mémoire s'éveille, d'éblouissantes phantaisies naissent sous mes doigts, d'enthousiastes acclamations leur répondent; je chante l'Avé Marie de Schubert ou l'Adelaïde de Beethoven et tous les coeurs de tendre vers moi, toutes les poitrines de retenir leur haleine... c'est un silence ému, une admiration concentrée et profonde...*

Puis viennent les bombes lumineuses, le bouquet de ce grand feu d'artifice, et les cris du public, et les fleurs et les couronnes, qui pleuvent autour du prêtre de l'harmonie frémissant sur son trépied; et les jeunes belles qui dans son égarément sacré baisent en larmes le bord de son manteau...

C'est un rêve...

É um sonho, um abençoado sonho de maravilhas!

MARTINS SEMBLANO,

alumno da Universidade de Coimbra.

A Sebenta d'um caloiro ¹

(Anotações a certa passagem de um livro do Exe.^{mo} Snr. Dr. Marnoco e Souza, Professor na Universidade de Coimbra).

10— Pelo que diz respeito aos Padres da Igreja, é inteiramente inexacto e assaz gravoso para a sua memoria encampa-los a um publico que não afere pelo contraste da critica o valor de certas affirmações, por passadores desta moeda falsa: «a mulher é apenas um instrumento de peccado e de tentação».

Nunca os Padres a consideraram apenas como tal. Pois qué! Não lhe ensinaram um ideal moral elevadissimo, fazendo constantemente appêlo a que ella o fizesse florir na sua alma? Não foram elles os constantes, sollicitos admiradores das suas virtudes? Não consagraram ao sublime mister de lavar para a virtude o terreno virgem de femeninas, bellas almas uma grande parte da sua benemerita, operosa actividade — escrevendo para ellas obras onde lhes fallavam a linguagem da mais delicada e heroica virtude, auxiliando com ternas, affectuosissimas cartas a linda e fragil flôr da sua alma que crescia dia a dia, cheia de virtudes, para o ceu?... E quantas vezes não foi a ellas que confiaram a sua alma forte mas sedenta de justiça, em horas difficeis de perseguição, apelando da injustiça dos poderes da terra para santas, piedosas mulheres?

Eis como um profundo pensador contemporaneo, que

¹ Continuado do n.º 9, pag. 576.

envelheceu a estudar e a pensar sobre o thesoiro inexgotavel das obras dos Padres da Igreja, se exprime a respeito delles: «Les auteurs païens s'occupent d'elle pour célébrer son corps et lui accorder les humiliantes louanges qu'on ferait d'un bel animal. Ouvrez les Pères de l'Église. Lá plus de complaisance pour ce corps; de l'hostilité contre lui, de la méfiance contre ses charmes, du mépris pour ses vanités, de la rigueur contre ses dépravations. Mais jusque dans cette rudesse, quelle sollicitude nouvelle et profonde! Ils sont ennemis du corps par crainte que ce corps devienne ennemi de l'âme; mais, comme ils aiment l'âme, toutes les vertus, toutes les grandeurs, toutes les délicatesses, toutes les sublimités dans la femme! Comme ils les savent précieuses, comme ils les louent, comme ils les entourent d'une tendresse contenue et pure. Ce n'est pas seulement le coeur de la femme qu'ils estiment, c'est son intelligence.»

Mas ouçamo-los.

11 — S. João Crystostomo teve como suas infatigaveis collaboradoras no apostolado doces figuras de mulheres, a quem elle, exilado de Constantinopla, confiou os negocios mais difficeis. Fallando de S. João Crystostomo, a historia não pode deixar de recordar os nomes de admiraveis mulheres: Salvina, Pentadia, Ampuctré, Nicarete, Olympias. Esses nomes evocam um esmaecido perfume de virtude. Poder-se-hia dizer que o grande orador, que o povo chamou respeitosaemente *Bocca de oiro*, não se apresenta perante a historia senão no meio dellas as santas, confortadoras amigas da sua alma. Esses nomes andam indissoluvelmente ligados ao delle. — E' na vida intima do grande bispo, nessas horas de desalento em que a sua alma se apoiava nas de heroicas mulheres ou a ellas confiava importantes negocios que a bispos confiar não se atrevera; é quando a sua alma, liberta de conveniencias, num desafogo de sincero respeito, toda nua, se revelava qual era, que se pode reconhecer quanto respeito, quanta admiração, quanta estima elle tributava á mulher!

As suas obras exprimem a todo o momento o alto

conceito da dignidade da mulher. Para o verificar basta fazer uma coisa que a bem poucos lembra: lê-las.

Quem ergueu mais alto que elle o ideal da mulher? Desejou-a tão pura e virtuosa, que o mundo dos sem-azas não o podem comprehender... Ninguem mais que esse enorme lavrador de almas se esforçou por cultivar na alma da mulher todas as virtudes e a mais exquisita de todas, a virgindade — flôr sobrenatural erguendo-se, luminosa e bella, da terra, sem que as paixões restantes ousem toca-la sequer... Nesse empenho, escreveu numerosas obras, onde profligou ardentemente os que, com palavras perfidas, vão cortando uma a uma todas as flôres que a fé christã fez brotar na alma femenina, até que, feita a mulher escrava das suas paixões, a atiram ao monturo... *Pois não sabeis, diz elle, que as virgens são templo de Deus? Ignorae porventura que nellas habita o Espirito Santo?* ¹

Eis como elle se exprimia, a respeito das virgens, que o sr. Dr. Marnoco e Souza, por mais esforços que empregue, não conseguirá de certo fazer passar por «instrumentos de peccado e de tentação»: *coroas do celeste esposo... mais esplendidas que o sol... amigas de Deus... herdeiras do Senhor... irmãs de Maria... mães, esposas e servas de Christo...* ² E' a ellas que elle aponta este ideal sublime, applicando-lhes as palavras de S. Paulo: *Pela misericordia de Deus vos rogo que offereçaes os vossos corpos como uma hostia viva, santa, agradavel a Deus.*

Porque não citou o erudito mestre este eloquentissimo panegyrico da mulher, um dos mais notaveis que de certo o homem até hoje tem produzido? — *Ah! Deus seja louvado! Deus seja louvado! A mulher é intrepida contra a morte. A mulher que introduziu a morte no mundo, quebra hoje essa arma antiga do demonio. Sér fraco, e por sua natureza exposto a todos os ultrajes, ella tornou-se uma arma invencivel nas mãos de Deus. A mulher é*

¹ P. G. Jo. Chrys. IX, 742.

² P. G. Jo. Chrys. XIII, de Virginitate, 37.

intrepida contra a morte. Quem não a admirará com assombro?...¹

12 — Tertulliano deixou testemunho da sua sollicitude pela mulher nos varios tratados que á sua educação dedicou: *De cultu feminarum, De velandis virginibus, De monogamia, Ad uxorem suam*. O proprio Gide, tão do conhecimento do nosso auctor, a isso faz especial referencia, com louvor, diga-se de passagem.

Vá sem notar que a Igreja não é solidaria das doutrinas particulares de determinado Padre, mormente de Tertulliano que, arrastado pelas suas tendencias rigoristas, se afastou da orthodoxia para abraçar a heresia do montanismo — o que não obstou, aliaz, a que o promovesse a *Santo*, numa das suas *Conferencias*, notavel pela profunda ignorancia que revela, o Academico brasileiro Garcia Redondo! Ora, quando Tertulliano escreveu o livro donde foi extraída a phrase que o Snr. Dr. Marnoco reproduz, já elle inclinava para o Montanismo.

...Que, de resto, ella nada diz que possa constituir serio argumento a favor da these que discutimos: que Tertulliano considerasse apenas a mulher como instrumento de peccado. Se a mulher offereceu ao homem o fructo de perdição, resgatou-se plenamente, offerecendo-lhe o fructo de salvação — Jesus Christo. Mas baste citar uma passagem em que Tertulliano expressamente a reconhece como instrumento de virtude e salvação: *Vesti-vos com o vestido de seda da probidade, com o manto de linho da sanctidade, com a purpura do pudor. E assim adornadas, Deus será o vosso amante.*²

Uma passagem... ¿E para quê, se Tertulliano escreveu varios livros precisamente a ensinar-lhe o caminho da virtude, logo considerando-a tambem como instrumento de salvação, — sobretudo como instrumento de salvação?

¹ Ibid. II 2, 629.

² P. L. Tertull., De Cultu, liv. II.

13 — Santo Agostinho, o doce, genial convertido que ainda ha pouco Luiz Bertrand nos revelou num magnifico livro, tomou afoitamente a si defender a dignidade feminina. — *Os varões e as mulheres são do dominio da salvação. Porquanto Christo não tratou com desdem o sexo masculino, visto que elle mesmo tomou esse sexo; nem menosprezou o sexo femenino, pois que nasceu de uma mulher. E desta sorte se realisou um grande mysterio: a morte succedera por uma mulher, agora é a mulher que nos communica a vida.* ¹

Poder-se-hia fazer numerosa colheita de trechos semelhantes na vastissima obra do grande doutor. Reproduziremos todavia apenas esta passagem, onde a dignidade do sexo femenino é energicamente defendida. — *Tomou (Christo) o sexo masculino, e, para consolar o sexo femenino daquella escolha, nasceu de uma mulher, como se nos quizesse dizer: «Não é má a creatura de Deus; o desordenado desejo é que a perverte. No principio quando criei o homem, fi-lo varão e femea. Não sou eu, pois, que condemno a creatura que eu proprio formei: os seus peccados, que eu não fiz, é que a condemnam. Reconheçam ambos os sexos a sua dignidade (honorem), confessem ambos a sua iniquidade, e ambos esperem a salvação»... Ninguem calunnie portanto Christo que nasceu de uma mulher, já porque o libertador não podia ser manchado por esse sexo, já por que o Creador o devia rehabilitar.* ²

Como é feita a historia! Condemnar o sexo femenino é para um Padre da Igreja calumniar o proprio Christo que teve por mãe uma mulher.

— E um professor de Universidade a ensinar que os Padres da Igreja só consideravam a mulher como instrumento de peccado e tentação!

Quem quizer vêr como Santo Agostinho se exprime, numa deliciosa effusão de alma, a respeito de uma mulher, leia esses bellissimos, tocantes periodos das *Confissões*,

¹ P. L., August. vi, 303.

² Ibid. v, 334.

onde falla com uma adoração filial de Santa Monica, sua mãe. Quem jámais dedicou a uma mulher tão entranhada, profunda e ternissima veneração como Santo Agostinho a sua mãe? E' preciso lêr, nesse livro de oiro de um dos maiores corações que palpitarão sobre a terra, as passagens que ainda não perderam nada do seu doce encanto — passagens maravilhosas de ternura, de affecto, de admiração, de amor; passagens, onde a humanidade aprenderá em todos os tempos a linguagem mais fervorosa do respeito mais filial.

...Que não existissem mesmo essas preciosas *Confissões*. Era possível que desprezasse a mulher, olhando-a só como uma tentadora flor do mal, quem teve uma tão admiravel mãe, modêlo eterno de mães? E' possível que descrêsse da virtude da mulher quem á della devia a propria?

14 — S. Jeronymo... Nenhuma vida e obra de Santo Padre clama tanto, decerto, contra a impensada, calumniosa affirmação do que a vida e obras de S. Jeronymo. Para o reconhecer, basta compulsar rapidamente a lista da sua aturada correspondencia com illustres mulheres cujo nome a historia guarda avaramente; apreciar o elevadissimo numero de cartas que a ellas de preferencia dirigiu; não se furtar ao delicado prazer (que o é) de as lêr, e, por entre aquelle bello latim castigado, topar a todo o momento com expressões ternissimas de amizade ardente e respeito purissimo, que á nossa maldade de requintados podem parecer inconvenientes, saber, além disso, o papel importantissimo de zelosas amigas e santas inspiradoras que ellas desempenharam na vida de S. Jeronymo.

Effectivamente, S. Jeronymo manteve com illustres patricias romanas, patricias mais ainda pela nobreza da alma que pela nobreza do sangue, uma assidua e respeitosa correspondencia. Nessas cartas, onde transluz a mais viva simpatia e admiração, S. Jeronymo discute com ellas os complexos problemas de exegese biblica, tão rebarbativos para o sexo que se diz forte. Frequentemente succede

prestar á erudição dessas illustres damas a homenagem de toda a sua franca admiração, como á nobre Marcella, que a uma commum amiga elle dizia ser «tua, minha, ou, por dizer mais rigorosamente, nossa, e entre todos os santos insigne gloria de Roma»;¹ á illustre Marcella, a qual, consultada sobre difficuldades biblicas, cujo arbitro era, depois de S. Jeronymo ter partido para a Terra Sancta, «dava as suas opiniões não como proprias mas como minhas ou de outro qualquer; até quando ensinava, tinha semblante de quem aprendia, com receio de molestar o sexo masculino e os padres que a interrogavam sobre materias obscuras e duvidosas.»² — Tal era o desprezo que os Padres tinham pela mulher, que, sem ciume, bispos e padres inclinavam a cabeça veneranda, pedindo-lhes o avisado conselho das suas luzes nas letras sagradas!

E era tão sincero o culto de S. Jeronymo por ella, que quasi leva a mal que Principia lhe peça esta bem simples homenagem: desfolhar sobre a campa della algumas flores rhetoricas, — das mais singelas... — de saudade. — *Assaz me contrista que m'o exhortes, a mim que o faço da melhor vontade, expontaneamente, e julgues que seja preciso pedir-mo, eu que não quero que tu a amasses mais do que a eu amei. O que eu venho trazer-lhe, é muito menos do que o lucro, recordando as suas extraordinarias virtudes. Se o meu silencio se prolongou até agora, atravez de dois longos annos, não foi por negligencia, como erroneamente te parece, mas por causa da tristeza incrível que se apoderou do meu espirito; de sorte que ainda agora me parece melhor calar-me, do que dedicar-lhe quaesquer palavras que ficarão sempre inferiores aos elogios que ella merece.*³

«Sobre cem cartas theologicas cincoenta são dirigidas a mulheres; quinze dos seus trabalhos sobre vinte tem a educação das mulheres por objecto; dedica a Paula

¹ P. L. Hieronymus, 1, Ep. Ad Principiam,

² Ibid. Ib.

³ Ib. Ib.

e a Eustochium numerosos livros da Vulgata, as explicações dos psalmos a Principia, o seu tratado contra os montanistas a Marcella, etc.» E' pelo menos, e textualmente, o que diz Gide...

Quem esperaria *deparar* com uma linguagem tão entusiasticamente admirativa das virtudes femininas nos escriptos dum fervoroso apostolo do ascetismo? — A Eustoch'um, então donzella em pleno florir de juventude, desculpa-se o grande asceta de lhe chamar *senhora-domina: sim, senhora é como eu devo expressar-me a respeito da esposa do meu Senhor.*¹ E porque a sua linguagem se accende de santo entusiasmo, louvando-a, logo accrescenta, numa desculpa encantadora, que, se não fosse austeridade de *santo*, seria um fino galanteio:

*Não, não ha exagero rethorico em te contar no numero dos Anjos, e, dada a ventura da Virgindade, em sotopôr a teus pés o mundo.*² Precedendo o juizo da Igreja, chama encomiasticamente a Marcella *sancta mulher.*³ E para que não ficassem duvidas no espirito de ninguem da revolução enorme que o Christianismo trouxe á condição da mulher, elle escreveu ainda: *Desde que uma Virgem concebeu no seu seio virginal e deu á luz um Filho que levou aos hombros a sua realza, um Deus forte, um Deus poderoso, o Pae dos seculos futuros, a sua maldição foi levantada. A morte tinha entrado no mundo por Eva, a salvação foi-nos trazida por Maria.*

« Vê lá depois disto
Se ainda... »

é licito a quem tenha responsabilidade intellectual (que aos outros é, sem duvida) affirmar que os Padres « não consideram a mulher senão um instrumento de peccado e de tentação » ? !

¹ P. L. Hieronymus, I, Ep. ad Eustoch.

² Ib. ib.

³ Ib. Ep. xxii.

15 — Urge fechar esta rapida resenha. E' impossivel chamar a depôr todos os Padres da Igreja; mas pelas suas opiniões (que poderão lêr-se formalmente expostas nas suas obras) responde a sua vida inteira votada á salvação do homem e da mulher, se não bastasse a sua fidelidade ao Evangelho, onde se não faz distincção entre os sexos pelo que diz respeito á vida moral, antes, pelo contrario, algumas vezes as mulheres foram preferentemente honradas.

16 — Permitta-se-nos sómente abrir uma excepção para o ultimo dos Santos Padres, S. Bernardo.

Eis como elle se exprime sobre a dignidade feminina : — *Alegra-te, ó pae Adão, e ainda mais tu, ó nossa mãe Eva. Regosijae-vos, vós que fostes os primiparentes da humanidade, e os que a desgraçastes; e, para maior infelicidade, primeiro causadores da desgraça que da vida. Exultae por causa de uma vossa filha, e que filha! vós ambos, mas muito mais aquella pela qual o mal entrou no mundo e cujo opprobrio se estendeu a todas as mulheres. Eis que chega enfim o tempo em que vae ser levantado o opprobrio e já não terá motivo de romper em retaliações contra a mulher o homem, que, para se desculpar imprudentemente, não hesitou em cruelmente a accusar, dizendo: Foi a mulher que tu me deste que me deu do fructo da arvore e eu comi. Corre, pois, a Maria, ó Eva; corre á tua filha, ó mãe; a filha responderá pela mãe, é ella que levantará o opprobrio da mãe e em vez da mãe dará ella as satisfações ao pae; porque se o homem caiu por causa da mulher, já não é rehabilitado senão por meio da mulher. Que é que tu dizias, ó Adão? A mulher que tu me deste deu-me do fructo da arvore e eu comi. Essas palavras são palavras de malicia com que mais augmentas do que attenuas a tua culpa... Outra mulher te é dada, prudente em vez de louca, humilde em troca de soberba, a qual já te não dará do fructo da arvore da morte, mas o fructo da vida, e em vez da venenosa comida da amargura te offerecerá o doce fructo da salvação eterna. Muda, portanto, em acção de graças as palavras da tua iniqua desculpa. Dize assim: Senhor, a mulher que tu me deste, deu-me do fructo da arvore da vida e*

eu comi; e era mais doce que o mel, e nelle a vida...¹

17 — O sentimento da dignidade da mulher é unanimemente compartilhado pelos Padres da Igreja — e claramente professado. Já pela lição expressa das suas obras, já pelo significado da sua vida toda consagrada á benemerita obra da educação feminina e tantas vezes perfumada pelas virtudes de admiraveis mulheres, se reconhece quão sem fundamento se lhes attribue o desprezo pela mulher.

Pelo contrario, a sua reabilitação é uma ideia christã. A mulher occupa nas obras dos Santos Padres um lugar que nunca disfructou nas obras dos antigos escriptores. A Igreja faz constante appello ao seu heroismo; e ella corresponde de tal sorte a essa confiança, que, onde se travar mais rijo a lucta contra a fé, os Padres a encontram sempre ao lado d'elles. Por isso S. João Chrysostomo e S. Jeronymo as elegem para confidentes da sua grande alma: para a delles não acharam cofre mais digno que a alma dellas. Por isso as suas cartas são muitas vezes o glorioso registo dos meritos della. A mulher desempenhou junto dos Padres da Igreja uma tão importante missão de assistencia moral, que bem pode alçar-se ao fôro de uma lei geral que os Padres da Igreja não entram na historia senão trazidos pela mão de uma mulher: S. Agostinho por S. Monica; S. João Chrysostomo por Anthusa; S. Gregorio Nazianzeno por S. Nonna; S. Basilio, o grande orador da Igreja grega que Erasmo reputava superior a todos os oradores da antiguidade, por S. Emmelia e S. Macrina; S. Ambrosio entre sua mãe e sua irmã Marcellina; S. Jeronymo entre Paula, Eustochium, Principia, Leta, Marcella e outras nobres mulheres.

18 — Sendo assim, como se explica que os Padres da Igreja por vezes usassem de uma linguagem bem rude a respeito da mulher? Pois não foram tambem escriptas por

¹ P. L. Bernardo, II, 62, 787 — Homilia II in Luc. I 26, 27.

elles phrases como as que cita o Snr. Dr. Marnoco e Souza — e não denunciavam ellas, evidentemente, que as não consideravam «senão como um instrumento de peccado e de tentação»?

Não.

Primo, citamos phrases e citamos factos, pelos quaes se prova o profundo sentimento que os Padres tinham da dignidade feminina. Uma conclusão fica, portanto, liquidada: *os Padres consideram tambem a mulher como um instrumento de virtude e de salvação*. — Afinal os Padres pensam como toda a gente que a mulher pode salvar ou perder.

Secundo, provamos que os Padres teem pela educação da virtude feminina um disvelo completamente *novo* na historia do mundo, e á mulher tributam sincera veneração, profundo respeito, inteira confiança, como ainda se não vira — e provamo-lo com as suas palavras, com as suas obras, com os actos, com a sua vida. Por onde se pode seguramente formular outra conclusão: os Padres honram a mulher, restituindo-a á sua dignidade desconhecida dos antigos.

Retenhamos isso que resta averiguado; e previnamos desde já a suspeita de contradicção que porventura desperte no espirito de alguém. — Ha uma profunda unidade de pensamento na obra dos Santos Padres, pelo que diz respeito á mulher. O Snr. Dr. Marnoco e Souza commetteu um imperdoavel erro de methodo fazendo a synthese do pensamento patriotico, que se desenvolveu opulentamente atravez de uma obra assaz volumosa e affirmou em todos os actos de vidas gloriosas, sobre uma ou outra phrase laboriosamente pesquisada e adrede separada do contexto que a limita, completa ou esclarece, em vez de a fazer com os elementos varios que ao seu alcance puzesse o conhecimento das obras daquelles illustres auctores e os factos mais incontestaveis que a sua vida intima — aquella onde se não mente!

O que os Padres pensavam e sentiam e praticavam, já nós o dissemos. Se porventura alguma vez fallaram rudemente á mulher, foi excesso (excesso!) de zelo que

os moveu, ou justa indignação por ella ser infiel ao altissimo ideal christão. Ha duas especies de mulheres: a que salva e a que perde. Quem tanto exaltara a mulher que salva não podia senão depreciar a mulher que perde. A virtude só se honra sob pena de condemnar o mal. Não seria sincero o respeito pela mulher que salva, se transigisse com a mulher que perde. As phrases escandalosas dos Padres da Igreja são a confirmação inesperada das outras em que elles a exaltam. Não erramos, pois, a operação: tirou-se-lhe a prova, e está certa.

Tinha razão Lamy. E nenhum psychologo subtil deixará de reconhecer a tocante sollicitude que se esconde sob aquella rudeza. A desconfiança contra os encantos physicos da mulher é o reconhecimento de que na mulher alguma coisa vale mais que o corpo e não morre como com a mocidade — a alma. Os antigos desconhecaram esta, mas admiraram até á loucura aquelle, quer dizer, não amaram a mulher, amaram a belleza da mulher. Com medo de que o corpo se tornasse inimigo da alma, os Padres trataram-no porventura com dureza. Porque muito apreciavam a mulher, que algumas vezes assim fallaram. Os verdadeiros desinteressados amigos della foram os Padres.

GONÇALVES CEREJEIRA

do Instituto de Coimbra.

FASTOS PORTUGUEZES

LIVRO II

FEVEREIRO

I

**2 de Fevereiro. — Santa
Brigida, monja irlandeza.
— Sua festa no Lumiar.**

D'entre a bruma invernal já Fevereiro,
a coxear com vinte e oito e vinte e nove,
reclama o seu logar. Entre, e com elle
a monja hibérnia, a casta e doce Brigida,
filha do quinto seculo, e que inda hoje
morta revive para exemplo ao Mundo.
A sua história, o seu virtuoso porte,
o seu precóce amor ás coisas santas,
as suas fundações, e a luz purissima
que inda rutila em seu fidalgo nome,
são moldura e realce ao vulto d'ella.
Da Irlanda tres piedosos Cavalleiros
transportaram-lhe o crâneo ás lusas plagas,
a ti, Paróchia minha, que em prestar-lhe
culto annual te orgulhas, e a ennobreces.

*

No segundo do mez turba devota,
lavradores de Loures, da Malveira,

Lousa, Odivellas, Sacavem, Carnide.
 afflue desde o raiar da madrugada.
 É um não acabar. Cavalgadores
 de toda a casta, guapas camponezas,
 jumentinhos, carroças enfeitadas,
 chapeos de Braga, côcos e barretes,
 jalecas e gabões, deslizam prestes
 caminho do Lumiar.

Na torre os sinos,
 no adro hervoso o zunir das oliveiras,
 incitam a expansões mais que loquazes.
 Do seu doirado altar a Monja santa
 sorri sob um docel de flores novas,
 num throno todo luzes, presidindo
 entre nuvens de incenso á Missa grande,
 em que o Prior celébra ao som do orgam.
 Cresce o apertão nas naves; cresce a olhos
 o alvo monte das cêricas promessas;
 ouve-se tintinar a argêntea taça,
 onde os cobres cahindo são tributo
 da geral devoção. Do templo em tórno,
 defronte do Cruzeiro alvinitente,
 vão as juntas de bois passando em fila,
 e a grei balante e mança, ovelhas, cabras,
 dos Menálcas e Tityros serranos.
 No terreiro as barracas de bom vinho
 palram por bôcca de ávidos freguezes;
 e em tudo o observador, saudoso, attento,
 de um Portugal piedoso observa quadros.

Se o pavilhão azul do ceo nos cobre,
 diz o saloio: « Está por vir o inverno »;
 se chove, « Eis o verão; temol-o á porta ».
 São barómetro aos filhos da lavoira
 os sorrisos e as lagrimas da Santa.

*

Tal é, meu Lumiar, a festa rija,
que na vetusta abóbada affonsina
se hospéda ha muitos seculos.

*

* *

2 de Fevereiro. A Purificação
— da Virgem Nossa Senhora.

II

Agora

na mesma folha o calendario indica-me
a Purificação.

*

Da Santa Virgem

o Filhinho Jesus, conforme ao rito,
hia de ser no templo apresentado.
¿ Elle?! sim, Elle; as glórias do Messias
jaziam inda occultas no mysterio.

Jesus era um menino obscuro, ignoto;
seu Pae, bem que de Reis se derivasse,
era indigente; em santa obediencia
partem de Nazareth.

A estrada é áspera,
mas vão orando ao longo dos caminhos.
As figueiras, os áloes, as palmeiras,
pouca sombra lhes dão; pois esses mesmos,
na muda voz do mundo inanimado,
lhes segrédam confórtos e esperanças.

*

Sabem os dois, que a concepção do Filho

foi obra só de Deus ; a Esposa é pura
 como os lyrios dos valles de Iduméia ;
 mas tem que obedecer : purificar-se
 como outras mães na agua lustral do templo,
 do Estado as leis cumprir. Levam donários :
 duas rôlas ; ¿ que mais, sendo tão pobres ?

.....
 No horizonte, em que brilha o sol do Oriente,
 eis-te, com tuas casas rutilantes,
 e zimbórios, e esguios minarettes,
 alta Jerusalem. Teus sacros muros
 acolhem os cançados viajeiros.
 Mas d'entre as gentes que nas praças fervem,
 não ha quem diga :

— Ali vai um menino
 predestinado a restaurar o Mundo ;
 vai o Filho de Deus. —

Ninguem o sabe.
 Caminham ; buscam poiso que os acoite ;
 entram no templo, illustre maravilha
 que observam de relance ; essas arcadas,
 esses graves pilares, esses páteos,
 que antecedem por fóra o santuario,
 não os deslumbram, não ; vai-lhes acezo
 nalma um claror que as turbas não alcançam.
 D'entre ellas sai um velho ; ; aspeito nobre !
 impõe veneração. Dos forasteiros
 se acérca ; e olhando aos Ceos, e em voz sonora,
 lhes diz :

— Salve ; conheço-vos ; sois filhos
 da tribu de Judá ; pressentimentos
 me persuadem que um dia esse Menino
 ha-de arruinar, e restaurar. Prestae-m'ó ;
 quero erguel-o em meus braços. Rendo graças
 á Providencia ; vi-o ; vi-o ; é Elle. —
 — ¿ E quem sois vós ? —

— Sou Simeão. —

Soaram

os canticos do povo; o ancião jubila
e chora de prazer, restituindo
o Menino a seus Paes. Purificada
a joven Mãe, radiante e commovida,
ao seu ermo voltou.

Tudo hoje a Igreja
na oração ritual relembra e canta.

III

2 de Fevereiro de 1387.—
Casamento d'el-Rei D. João I.

Volvâmos neste dia ás lusas chronicas.
Vai festejo na Côrte. Em mil trezentos
e oitenta e sete o Porto celebrava
com luzido cortejo os desposorios
do glorioso herôe de Aljubarrota.
Do burgo as tortuosas ruas ornam-se
de damasco, alastradas de espadanas,
resguardadas de tôldos. Folga o Reino,
por ver consolidada a régia estirpe.
Com seu ar prasenteiro el-Rei caminha
em alvo palafrem; seguem-n-o os Grandes
na luzida vistosa cavalgada.
A Noiva, com ar tímido e sisudo,
áureos brocados veste; a coma loira
envolve-se-lhe em gazas; encavalga
mança esbelta hacánéia alviluzente,
que o de Braga Primaz á rédea leva.
Na Sé do Porto o seu Prelado aguarda
ao feliz par, ao Duque de Lancastre,
e aos numerosos séquitos e povo.

*

De volta ao paço a juvenil Rainha

*

vê congregada em gala a flôr da Côrte
 no festim nupcial. Não a deslumbram,
 ella, tão séria, as pompas; não a aturdem
 clangôres triumphaes de charamellas,
 troar de sinos, vivas populares,
 dos salões os lustrosos adereços,
 o rutilar da meza esplendidissima.
 Alheio á festa o pensamento esvoaçalhe
 nas regiões phantásticas do sonho;
 a consciencia murmura-lhe que um dia
 tem de ser mãe de uma ninhada illustre;
 isso é que a preoccupa. Entre o florido
 de uma bôda Real, só vê deveres,
 e avista as glorias puras de seus filhos,
 «inclÿta geração, altos Infantes.»

IV

2 de Fevereiro de 1701. —
 Nasce em Lisboa o Padre
 João Baptista de Castro.

No mesmo dia dois nasce em Lisboa,
 no anno que estreia o seculo dezoito,
 um douto, que ao bufete levou annos
 a lidar para nós, ingratos filhos
 de um Portugal que foi. O *Mappa* d'elle
 é primoroso de systema e estudo;
 João Baptista de Castro, ¡oh! ¡ quantas vezes
 folheio os livros teus, e te abençoô!
 Onde quer que o teu pó sumido jaza,
 has-de saber que a luz da tua lampada
 nos illumina ainda, e que o teu nome
 nos traz o commovido incitamento
 dos conselhos de um pae.

V

4 de Fevereiro de 1799.—
Nasce o grande poeta Vis-
conde de Almeida Garrett.

No dia quatro

o Porto viu erguer-se como aurora
no horizonte das Letras lusitanas,
ao findar da centúria binovena,
um astro todo luz, que inda illumina
a Poesia, o Theatro. Entre as mais claras
a gloria de Garrett enche de assombro
o Minho, o Douro, o Tejo, o Guadiana.
No alto friso do alcáçar da Memória
gravado brilha em traços diamantinos
o nome de Garrett, e a obra d'elle
eterna vibra em almas portuguezas.

VI

Sóbra este dia para dar ao Porto
recordações gratissimas.

6 de Fevereiro de 1608.—
Nascimento do insigne Pa-
dre Antonio Vieira.

Lisboa

tambem as tem : a seis alvoreceu-lhe
novo brasão, sereno, immarcessivel.
Em seiscentos e oito, a San Francisco,
viu a luz um dos principes do engenho :
Vieira.

¿ E que direi de ti, gigante ?
¿ Enumerar os dotes d'essa penna
milagrosa e fecunda ? ¿ as tuas lutas
na espinhosa Politica ? ¿ o remanço
da tua cella entre o tinteiro e os livros ?

Tudo isso Portugal recorda ufano,
 e inda ouve a tua voz quando na abóbada
 dos templos acordava, trovejando,
 o remorso nas almas peccadoras,
 ou concitava ás pugnas pela Patria,
 ou memorava heróes do Christianismo.
 Num idioma só teu, em que a opulencia
 corre ao par da facundia, foste em Lysia
 um Niagára de estro.

 ; Que leituras
 com meu Pae nos teus livros, e que assombro
 nos seus commentos tive ás tuas paginas!
 A' noite, no silencio inspirativo
 da sua livraria, ; quantas vezes
 te ouviu attento, e me louvava absórto
 o teu dizer castiço, o ousado arranque
 dos teus tropos, as graças donairosas
 das tuas inversões, o chiste agudo
 com que o sagrado texto illuminavas
 nos clarões do teu genio!

 Mestre, mestre,
 vem ver como hoje tratam esta Lingua,
 tua filha, teu amor, tua jactancia.
 ; Acode! a derrancada algaravía
 inunda, afoga, arraza, infama os prelos.
 ; Ergue-te, vingador.

VII

O Carnaval.

 Basta. Deixemos
 estas inuteis lástimas, e oiçámos
 um rumór festival que se aproxima;
 são as profanas doidas alegrias,
 que em dia incerto e vário traz aos povos
 o gôrdo Carnaval.

 A um lado, a outro,
 espreita, pula, e foge; estrugem guizos,

sóam risadas, guinchos, trompas, pífanos,
toda a folia, todo o acezo e bravo
do Entrudo portuguez.

Lá fóra o mesmo :
reina franca loucura em toda a Europa.
Cambaleando, coroadado de heras,
o ebrifestante Carnaval assoma,
guiando a custo o resignado asninho,
e esvasiando a espaços a borracha,
qual Sileno pagão. Corre as cidades,
corre as aldeias, os casaes, as quintas,
entre os seus foliões e os thyrsos verdes.
Cosmopolita prasenteiro, muda
como Protheu o aspecto, a fórmula, o traje.
Em Paris é taul, sécio, garrido ;
peralta em Nice, grandioso em Roma,
rumoroso em Madrid, guapo no Porto,
lascivo nos casaes, brutal nas serras,
torrencial em Lisboa ; é o symbolico
herdeiro, sempre moço e sempre áleria,
das Bacchanaes e Saturnaes.

Filinto,
bem o pintavas tu, quando as saudades,
entre as neves e os frios de Lutécia,
te arrancavam da triste exhausta lyra :
« ¡ Viva o meu Portugal ! ¡ viva a laranja
« que derruba o chapéo ! »

*

Tal foi, tal era
inda ha pouco entre nós, o alegre Entrudo.
Hoje trocado, ataviado ás modas
da gente forasteira, na Avenida
ostenta ruidosas cavalgadas
e batalhas de flôres. Foi-se a *peça*,
o esguicho, o desalinho do costume ;
morreram, ¡ e inda bem ! Vão, manço e manço,
os hábitos ferinos de eras bárbaras

perdendo o seu travôr ; as grossarias
 somem-se ; o gôsto apura-se. O que fôra
 chiste na *Aschbouna*, na *inçlyta Ulysseia*,
 na *Lisboa bifronte* do Freirático,
 ou na austéra pombálica cidade,
 mudou-se em bailes, em *bonbons*, em máscaras,
 em finas variegadas *serpentinhas*,
 intrigas, *dominós*, versos, e flôres.
 Ganhámos. Sim, mas tento : não queirámos
 macaquear sem tom nem som, perdendo
 tudo que nosso foi, falseando o rôsto
 da antiga povoação, e obliterando
 a graça intraduzível de Lisboa.

*

Abrem-se as salas ; chumbam os theatros.
 Ao portão de um Marquez de raça antiga
 páram côches ; velludos, sedas, oiros,
 sobem a escadaria illuminada.
 Lá dentro intrigas lindas. A adivinha
 distribue sortes. Outra vende flores,
 e pergunta a um velho :

— Não m'as compras?
 são para caridade.

— O que eu comprava —
 diz elle — eram teus olhos.

— Já estão dados. —

No rico lar de farto *Brazileiro*
 sóa rebate ao *cotillon*, que mescla
 Fadas e Moiros, Gregas e Cruzados.
 Na agua-furtada trêfegas coristas
 bailam o *vira*. Á porta das tabernas
 pulam *chéchés* com varinada máscula,
 ao compassado truz das castanholas.
 Se vai bom tempo, nos quintaes de Alfama
 luminosos balões enfileirados
 dão folga aos mesteiraes até sol fora.
 Sai a dança da Bica, outras de Alcantara.

Tropeiam com dichotes picarescos
 ranchadas bravas no Mocambo e Esp'rança.
 Em summa : esta alegria desmandada
 move a colmeia toda, atrôa os eccos,
 enche os jornaes... e as partes da policia.

*

Mas... como tudo acaba, mais tres dias,
 e é findo o Entrudo.

A fria madrugada
 vê passar á luz baça d'essas ruas
 os mascarados ultimos ; chuisca,
 pois lá reza o anexim : « Se em Fevereiro
 « não chove, não ha prado nem centeio. »
 Os temulentos vultos desgrenhados,
 pallidos, já se cruzam pelas praças
 com os matinaes padeiros. Bocejando
 vão *pierrots*, e *vegêtes*, e *peraltas*,
 a cabecear. Fecharam-se os theatros
 e os bailes ; extenuada a gran Lisboa
 entra na lutuosa quarta-feira.
 Bello triumpho, ó Carnaval ! Nas galas
 que trajaste de empréstimo, deixaste
 os tropheos de tristissima victória,
 quasi tão triste como os ais dos sinos...

VIII

Quarta-feira de cinza.

! Quarta-feira de cinza !

Eil-o, o momento,
 em que as almas piedosas se aparelham
 para a magra sublime quarentena
 que antecede a Semana lacrimosa.
 ! Cinzas ! ¿ E que é o homem, se não cinzas ?
 ! Lagrimas ! ¿ E que somos, se não lagrimas ? !...

IX

Domingo de Ramos.

O domingo de Ramos alvorece.

Na jumentinha branca, entre os discipulos,
nobre Jerusalém, teus sacros muros
entrou Jesus.

A multidão corria
a saudal-o, a alastrar-lhe em roda palmas,
a aclamal-o.

Era o homem dos prodígios,
o Bemfeitor, o Bom.

Cada um contava
actos seus de perdão, de caridade,
a mansidão do seu falar, a graça
no reprender, as curas que fizera,
e os sorrisos de amor com que dizia :
— Deixae chegar-se a mim os pequeninos. —
E só se ouvia ao longo do trajecto :
— ¡ Hosanna ao Filho de David ! ¡ Bemdito
o que em nome de Deus a nós se acérca !
¡ Hosanna para sempre nas alturas ! —
E uns perguntavam :

— ¿ Quem é este ?

E a vozes

bradavam outros :

— E' o amigo. —

Entrado

ao templo, ahí prégou santas parábolas,
de tanta profundeza, e tão suaves,
que o povo boquiaberto o venerava.

Os doutores da Lei, neste entrementes,

alta noite, enlizados do demonio,
em casa de Caiphás agremiados
conspiravam a morte ao recém-vindo.
Discordavam no modo e asado tempo
de o colhêrem ás mãos.

Abre-se a porta,
e introduz-se no lugubre synédrio
Judas Iscariótes, seu discípulo,
té'li seu companheiro.

— Eis-me — prorompe ; —
nada de indecisões ; contae comigo ;
vamos : ¿ quanto me dais, se vol-o entrego ?
— Trinta dinheiros. —

— ¿ Trinta ? aceito o ajuste ;
a minha astucia ha-de o prender. —

Sahiram,
horas mortas, cosidos com as paredes,
cautelosos, na sombra das viellas,
mas fiados em Judas.

Nessa tarde
sahiu Jesus a orar, com seus discipulos,
no sombrio jardim das oliveiras.
Era longe ; ia triste e pensativo.
— ¿ Que tens, Mestre ? — inquiriam carinhosos.
Dizia :

— Vai-me n'alma uma tristeza,
que lembra a morte. —

O rancho proseguia.
Entrados no olival, pararam mudos ;
anoitecia ; as sombras do arvoredo
infundiam terror.

Christo apartou-se ;
e em joelhos, e olhando os ceos escuros,
orou :

— Meu Pae, meu Deus, se inda é possível,
afastae-me este calix de amargura ;

se não... cumpra-se a Lei. —

Tornando ao grupo,

disse :

— Fugi da tentação, orando,
vigilando. —

E afastou-se, e orou de novo,
como em ancias mortaes ; e de mãos postas,
e olhos no Ceo, clamava supplicando :
— Se inda é possível, ó meu Pae, tirae-me
dos labios este calix de amargura ;
se não é, cumpra-se a vontade vossa. —
E voltou para os seus.

*

Noite profunda.

O sussurrar da aragem no arvoredo,
a solidão, o sitio, os pios lugubres,
infundem funeraes melancolias.
Nisto, entram-se a escutar por longe vozes,
tropél de gente armada ; archotes luzem
pelo olival, aqui e ali vagueiam ;
sentem-se falas e passadas ; turba
de povolóo bravio a aproximar-se...
Entre os mais lá vem Judas.

Segredando

aos conjurados, diz :

— Muitos discipulos
estão com o Mestre ; eu, que o distingo, achêgo-me,
beijo-o na face ; o que eu beijar, é vosso ;
é elle. —

Christo e os seus, quêdos, immóveis,
aguardam. O doloso Iscariótes
com ar affavel diz :

— Senhor, saúdo-te. —

E beijou-o no rôsto. A turba-multa
avança, e entre silvestres vozarias
lá vai prêzo Jesus, que sem protesto
se deixava ligar. Como assombrados

ficaram os discipulos. Arranca
Pedro a espada, e fere um do povo. E Christo :
— Embainha, meu Pedro. E vós, que vindes
para prender-me, eis-me ; levae-me. —

A plebe

aos encontrões e brados o arrastava
caminho da cidade, entre impropérios,
como blasphemo e subversor infame.
E assim vão pelo escuro, á luz das tochas,
á casa de Caiphás. (Era n'esse anno
elle o primaz do clero).

— ¿ Quem me trazem ? —

pergunta.

— Um impio, um malfeitor. —

— Oiçâmos

testemunhas. —

E um grita :

— Esse homem teima

ser o Filho de Deus. —

Caiphás inquire :

— Reo, dize : ¿ é isto assim ? —

Jesus responde :

— É. —

Surprêzo, assombrado, o sacerdote
cheio de horror as vestes dilacéra,
e diz :

— Basta : é blasphemo. ¿ E que decide
o povo ?

— ¡ Morra ! ¡ morra ! — a turba ruge.

E cospem-lhe no rôsto, e de pancadas
lhe azurragam o corpo. Toda a noite
o insultam ; e Elle, plácido e sereno,
sem querer mal aos seus insultadores.

*

Cumpre lembrar, que, nesta noite mesma,
o remorso, que a Judas devorava,
o levou todo afflicto ao sacerdote.

— ¿A que és vindo? —

— Senhor, venho dizer-vos
que pequei; sou traidor. Tomae: reponho
o oiro do vilipendio; a mão me escaldam
cobres de maldição. —

Lavado em lagrimas
sahiu possesso; e lá se foi, corrido
de vergonha, afrontado de remorsos,
cego, infame, enforcar numa oliveira.
E ficou-lhe o cadaver bambaleando
ao vento o espectro eterno da deshonra.

*

Confirmação do tórpe julgamento,
faltava o beneplácito de Poncio,
Governador romano da Judeia,
A seguinte manhan, no seu telónio
sentado estava a despachar, quando entra
o populacho infréne, e em feras vozes
de « ¡Morte! ¡ morte! » lhe apresenta Christo
meio despido, maniatado. Poncio,
conscio do caso, e do viver purissimo,
e das prédicas plácidas e ordeiras
de tal *reo*, inclinava-se á clemencia;
intimidou-o o vozear medonho
do povoléo feroz.

— Vamos; confessa:

¿És tu Rei dos Judeus? —

Jesus tornava:

— Sou. —

— Povo, — brada Poncio — isto é um louco;
mandae-o em paz.

Redobra a grita infrene.

— Nunca — responde a plebe; — ¡ morra! ¡ morra!
crucifícae-o. —

Poncio, as mãos lavando
na presença da turba, disse:

— Ouvi-me:

lavo estas mãos da morte d'esse justo;
crucifícae-o embora. —

.....

*

Ahi começa

a longa, a ominosíssima jornada,
até ao scelerado monte Gólgatha,
de Jesus insultado, apedrejado,
esbofeteado, escarnecido, e mórtó
na Cruz, com maldições de um povo inteiro.
Correu sangue, que os seculos não lavam.
Drama horrendo, afrontoso á humana espécie.
¿ Contal-o? ¿ e para quê? todas as mentes
o repetem com lagrimas; e a Egreja
na luctuosa Semana o commemóra
no alterno cantochão dos seus levitas.

X

A Páschoa.

Uns dias mais, e á Eterna Glória surge
das trevas do sepulcro o Homem Divino;
eis a Páschoa, a alegria, a renascença.
Luz, flôres, orações, órgãos, repiques,
celebram a conquista da Verdade,
a Alleluia geral.

Eis o que os povos
presenceiam no templo; festa móvel,
que as festas annuaes concérta e rege;
¡ drama estupendo a reviver cada anno!

XI

II de Fevereiro de 1288.
— Fundação dos Estu-
dos geraes em Coimbra.

De outro renascimento résa a Historia
no undécimo do mez.

Seculo treze,
 vivêras oitenta annos com mais oito,
 quando uma Páschoa alvorecia, ao mando
 do liberal Diniz, nas terras lusas.
 Os Estudos geraes, com grande pompa,
 se instauram em Coimbra; el-Rei convida
 a elles doutos mestres forasteiros;
 e a risonha cidade, inda lembrando
 glorias de Attaces, de Sisnando, e Henrique,
 aos lauréis marciaes prefere o culto
 do estudo e do saber. De toda a parte
 concorrem sequiosos os pupillos;
 e na noite do seculo Coimbra
 acende este farol de alta sciencia.
 Só Bolonha na Italia, na Britannia
 Oxford, París na França, lhe disputam
 primasias no tempo; e á voz sympathica
 do Poeta coroadado, a lusa terra
 das cultas sobe ao rol na culta Europa.
 Virentes sinceiraes | como acolhestes
 a juvenil togada estudantina!
 | quanto vos prouve aquella turba alegre,
 que ora povôa as tortuosas ruas
 da vetusta Coimbra, remoçadas
 no almo calor de tanta mocidade!

XII

13 de Fevereiro de 1668.
 — Conclusão das pazes
 com a Hespanha, finda a
 guerra da Restauração.

No dia treze d'este mez, e no anno
 de mil seis centos e sessenta e oito,
 outra alegria grande commemoram
 fastos de Portugal em seus registos.
 Depois de guerra tormentosa e longa,
 Portugal vencedor saúda a Hespanha;

e o Leão de Castella ao brigantino
 Dragão se abraça emfim, coroados ambos
 de lauréis immortaes, e de oliveira.

XIII

16 de Fevereiro de 1279.
 — Morre em Lisboa
 el-Rei D. Affonso III.

Seculo treze, annos setenta e nove
 contavas, quando viste el-Rei Affonso,
 terceiro d'este nome glorioso,
 a dezasseis do mez cerrar os olhos
 no paço senhoril da nossa Alcáçova.
 Perdoado haja Deus os seus desmandos,
 as suas ambições; e não o firam,
 lá no mundo immortal, os vãos lamentos
 do desthronado e despojado Sancho.

XIV

20 de Fevereiro.—En-
 tra o Sol em Piscis.

Diz-me o Almanack em vinte: «O Sol em Piscis.»
 A história vou narrar; mas annuncio
 aos leitores christãos, que d'esta feita
 vai ser Mythologia a minha fonte,
 risonha fonte onde bebeu Virgilio,
 e d'onde Homero e Ovidio dessedentam
 inda hoje as sêdes de Arte a todo o Mundo.
 Vamos á velha fábula.

•

Aos gigantes
 sobrelevava em posses e fereza
 o sanhudo Typhou, da Terra filho
 e de Titão. Criado na Cilícia,

entre brenhas, e só, cêdo foi mestre
na caça a monstros, no escachar pinheiros
brandindo-os como clava, e dos cabeços
no arrancar e arrojjar penedos grandes.
Tôrvo no olhar, e intonso, era das selvas
o terror com seus lugubres rugidos.

•

Certa alvorada, em Maio, ia passando,
quando em Chypre avistou numa abra excusa
Aphrodite a banhar-se; pára; observa.
Rompia o sol, menos gentil que a deusa;
e a deusa, nua e linda, á luz rosada
que lhe beijava o torso, os alvos membros
nas aguas descuidosa esperguiçava.

•

Typheu áquella vista pasma; occulta-se
traz da serra a espreitar; o olhar lascivo
devóra uma por uma as graças d'ella;
cêva-se no praser de a ver tão prestes.
Num pronto desce á praia, e estende os braços.
— Filha da espuma, ó Cypria, — diz — escuta
o amor que me incendeia, e que é tão grande
cômo eu sou. —

Venus fuge espavorida
ao fragôr de tal voz; corre, e as areias
mal piza; ora com as mãos o seio occulta,
ora o furtivo olhar ao monstro volve;
súplice, e cada vez mais tentadora,
nos sustos do pudôr geme indefensa.
Typheu para ella cresce; em tres passadas
eil-o a tocar as orlas do profundo.
Venus torna-se ao mar, e grita:

— ; Salva-me,

Neptuno! —

Aquella voz angustiada

fez o prodigio: peixes dois surgiram,
 e offertaram-lhe os dorsos escamosos;
 este recebe á mãe, o outro a Cupido,
 que, sem ver o que perto lhe passava,
 da alva areia alvas conchas recolhia.
 E os dois lá vão cortando as salsas ondas,
 qual setta que da mão do Partho errante
 despedida silvou; correm; só páram
 do Euphrátes para além.

Typheu, no emtanto,
 abysmado na furia e na saudade,
 atroava ao longe os eccos da montanha.
 Salvos Venus e o filho, aos Ceos assumptos
 foram por Jove os dois corcéis marinhos,
 e na abóbada ethérea o alto Zodiaco
 os vê brilhar eternos e immutaveis,
 em trinta e quatro estrellas scintillando.

*

Typheu morto de amor, acezo em ira,
 fera vindicta emprende: armar-se em luta,
 e arremetter com o Ceo.

Congréga os socios,
 que açodados concorrem; o Ossa, o Pélion,
 o Olympo, a grão poder encastellados,
 são a escalada. Os tímidos gigantes
 a investem; suam; trepam, rocha e rocha;
 ficam-se, pés e mãos; alturas vingam
 descommunes; vão perto...

Encara-os Jupiter,
 brande o raio, e derrue a mole immensa.
 Correm deuses em tórno ao Rei dos numes;
 — Se ha risco, eis-nos, senhor — bradam unisonos.
 Porphyrión, que em secréto a Juno amava,
 cai fulminado; a Encélado sepultam-n-o
 os torrões que hoje formam a Trinacria,
 d'onde inda gólfa lume; a Polyclétes
 sorve-o a ilha de Cós; surge Vulcano,

e com uma clava ardente a Clyto prostra ;
 a Ágrío, as Parcas ; a Hippólito, Mercurio ;
 o Neptunino Ephialto, e os mais, com a vida
 pagam o tórpe ousio ; e em taes destrôços
 vinga o Ceo a escalada dos gigantes.

*

Repito : apóz as chronicas divinas,
 pode extranhar alguém que ensóssas fábulas
 ousem na narrativa intrómetter-se.
 Sem rasão. Muitas fábulas são restos
 de vetustas histórias, desfarçadas
 no transparente veo de allegorias.
 E de mais : este livro mariposa
 suga aonde lhe apraz ; é no banquete
 das Letras (expressão do velho Andrada)
 « salada singular de várias plantas. »

XV

25 de Fevereiro de 1819.
 — Fallecimento de Filinto.

Falei de um sabedor da Lingua lusa ;
 outro venha, e primaz entre os primazes.
 Décimo oitavo seculo, correram
 annos trinta e mais quatro ; eis que o vigesimo
 terceiro de Dezembro á luz brotava
 o raro engenho de Filinto. A glória
 de lhe haver dado o ser cabe a Lisboa.
 Sinos de San-Gião, vós repicastes
 no Baptismo do Mestre, que nas Letras
 deixou tamanho sulco. Transcorridos
 annos oitenta e cinco, a vinte e cinco
 do mesmo mez, finou-se o desterrado ;
 Paris o viu morrer. Volvido á Patria
 alfim dorme entre nós. O seu moimento
 no alto de San-João contém angústias ;

e inda hoje os fadigosos peregrinos
da charneca poética o saudam
qual marco milliario. O bom Filinto
já não tem de esquecer; é o alto symbolo
de amor patrio infeliz, genio, e saudades.

XV

27 de Fevereiro de 1295.—
Fundação do Real Mosteiro
de S. Diniz de Odivellas.

E agora, em quanto esta janella franca
me entremostra entre as árvores, ao longe,
os oiteiros da mystica Odivellas,
recordo que este mez, a vinte e sete,
fundou Diniz em matagaes bravios
o mosteiro Real, no anno duzentos
noventa e cinco. O alegre Val-de-flôres,
poiso das realengas montarias,
trocou-se em nobilissimo cenóbio;
lá jáz o Fundador.

Onde se ouviam
bradar monteiros, relinchar cavallos,
latir cães, businar trompas de caça,
entraram psalmeando ao som dos órgãos
as vestaes do Senhor, e o sino ás tardes
vibrou chorando a santa Ave-Maria.
¡Que progresso moral!

Do que era outr'ora
nos seus dias de fausto aquella casa,
pouco resta que admirem forasteiros.
Nas festas do mellifluo San-Bernardo
(inda as vi) ¡que apinhado reboço!
O templo era vergél de murta e flôres;
e no côro as professoras e educandas
ramalhete de plácidas boninas.
O órgão cantava; ao *couto* dava volta
a procissão; e os sinos badalando,

e os foguetes zunindo, annunciavam ás quintas do arredor, aos casaleiros da Paian, da Ramada, e de Carnide, devoções rituaes de cinco seculos. Tudo é findo. A mão bárbara do tempo deu mate ás glórias puras de Odivellas.

XVI

27 de Fevereiro de 1510.
— Conquista Albuquerque a cidade de Gôa ao Hidalcão, e é constringido a largar-lh'a outra vez.

Mas se é sonho isso tudo, e se ruinas são os retiros monachaes, abramos os registos da Historia, e consolêmo-nos ao contemplar a béllica façanha, que em quinhentos e dez, no mesmo dia, a Albuquerque illustrou, quando o seu genio ao Hidalcão arrebatava Gôa. O soberbo Hidalcão com pêzo de armas surge; cincoenta e cinco mil infantes, cinco mil cavalleiros, postam cêrco á cidade captiva; os Portuguezes, um punhado de gente, entrincheirados resistem; cresce a fúria aos sitiantes; fervem assaltos; corre-se ás trincheiras; e o grande Capitão, baldado o exfôrço com que porfia, ao Moiro larga a prêza, e só mezes depois a reconquista.

XVII

28 de Fevereiro de 1488.—
Aporta o Gama em Moçambique

Já com o dia vinte e oito se despede glacial Fevereiro. Nestas horas,

no anno noventa e oito, as náus do Gama
aportavam á clara Moçambique,
na jornada feliz, que as Régias Quinas
em padrões pela costa ia implantando.
¡Que nomes immortaes! ¡Gama! ¡Albuquerque!

*

Colhâmos vellas, meu leitor, e á sombra
dos coqueiros da Ilha, ante o azulado
mar, que lhe beija as praias, aguardemos
o próximo chegar do verde Março.

CHRONICA DO MEZ

Velho e formidavel thema propicio a filosoficas cogitações e bandarricas professias, mas singularmente angustiante na diversidade multipla dos seus aspectos — a guerra será por muito tempo ainda o pesadelo da Europa, incomprehensivel, sonambula, delirante e a táboa salvadora de muito chronista encravado.

O que sobre ella se tem escripto, santo Deus! Ora debuxando devaniadoras e poeticas phantasias, já bosquejando com criterios scientificos a gravidade do problema economico e a resultante provavel d'este embroglio sangrento na orientação politica dos estados, um Himalaia de papel com cerradas fileiras de caracteres, alguns do tamanho das pêtas conscientemente espalhadas, enviscando a ralé ignara e turbulenta na esparrella dos dezreinhos.

De facto, todo o fiel patife incapaz de conquistar pela intelligencia, pelo trabalho e esforço proprios uma posição na vida, sem curvaturas de espinha, se vem amesendar no campo raso da imprensa, arrogando-se, só por isso, o direito de bordar uma duzia de patacoadas sobre o genio militar do Kaiser e as ruinas de Louvain, ou sobre o heroismo belga e a influencia da guerra no espirito europeu.

Basta socorrer-se da panoplia adjectivada, de coçadas phrases e urzi-las com alguma habilidade, atirando-as a correr mundo com ar solemne e grave de cathedratico...

Certo, esta guerra preparada de longe pela astucia allemã, converteu-se na maior inimiga do proprio imperio e da hegemonia germanica, dia a dia a affirmar-se n'uma progressão crescente e n'uma constante ameaça á preponderancia britannica.

Os seus productos açambarcaram os mercados commerciaes do mundo e ao augmento da população correspondiam parallelamente, se não em maior grau, os meios de producção.

Emquanto a França estacionava e a Inglaterra ia pouco mais além, a moderna Allemanha, conscia de um grande destino, progredia assombrosamente em todas as esphas da actividade humana e dava ás instituições nacionaes a maior unidade e consistencia.

E é um povo assim que tinha indiscutivelmente assegurado, de futuro, o logar primacial na politica e economia europeias que se atira para a guerra, intemerato, cego, ambicioso, creando um estado injuridico e provocando com as suas atrocidades selvagens a hostilidade e a animadversão das potencias.

E' a avalanche teutonica, devastadora, feroz, sanguinaria que cae como um flagello sobre a Belgica heroica e derruba, incendia e mata.

Sumptuosos palacios, lindas cathedraes de rendilhadas frontarias e formosos vitraes, nada respeita a alma teutonica, fua, rude, violenta...

Maravilhas de arte, trechos de belleza, pedaços de emoção, nada a detem n'um movimento compassivo, n'um gesto de sentimento inflamado e de ardente devoção.

Destroços esparcos de columnatas esguias attestam o impeto assolador dos vandalos modernos.

Mesmo no estado de guerra ha certas normas que não pódem obliterar-se sob pena de grave offensa ao sentimento collectivo; o estado de guerra não supõe desvairados ultrages ao direito que é o patrimonio commum dos povos, que atravez de longas provações e vicissitudes dolorosas, crearam no estado politico um estado civilizado.

A Historia não encontrará absolvição possivel para esta carnificina tragica, cuja responsabilidade cae intacta, como uma nodoa indelevel e sangrenta, sobre os pergaminhos armoriados do Imperio.

Mas já as suas aguias raivosas, convulsas, offegantes, pardas da poeira dos combates, batem as azas tremulas, cançadas, nas ancias precursoras da derrota.

O que virá agora? A Europa aneia pela paz e ha já quem se volte confiadamente para a Cidade Eterna e espere que o prestígio do novo papa restabeleça a harmonia entre os príncipes desavindos e os subditos que elles mandam morrer serenamente nas alas do sen exercito.

Elle consubstancia, de facto e de direito, sem a força das armas o maior poder da terra, porque não conhece fronteiras nem requer o beneplacito dos congressos ou o *agrément* das chancellarias.

O novo Papa, disse eu? Mais uma vez as previsões dos homens falharam porque os altos designios da Providencia escapam naturalmente a toda a casta de entresonhadas phantasias.

Bento XV reúne em verdade, todas as condições para pacificamente pôr termo ao rude pelejar de guerra tão exterminadora.

Bento XV inicia o seu pontificado n'uma hora difficil riscada de lividos signaes e cruciantes incertezas; tudo faz crêr, porém, que elle será brilhante, attenta a intelligencia e a bondade do eleito e o seu longo tirocinio na diplomacia ao lado de Rampola, de quem foi amado discipulo.

Sem exercitos nem canhões, pode dizer-se que o Papado governa o mundo e, assim, a Igreja, serena, imperturbavel, divina, no meio de tempestades e naufragios, reata a sua continuidade historica, realisando, seculos além, a missão que o seu fundador lhe impoz.

Da anciedade com que se aguardava a névoa tenue da ultima *sfumata* e o nome do novo Vigario de Christo, a nota pittoresca foi a publicação em dois jornaes republicanos daquelle celebre telegramma em que se dava como derrotada a Companhia de Jesus pela eleição do cardeal Netto, antigo patriarcha de Lisboa...

Foi o maior successo da gargalhada nacional na semana que precedeu a partida das expedições portuguezas á Africa, para a eventualidade de qualquer golpe de audacia na integridade do nosso patrimonio colonial.

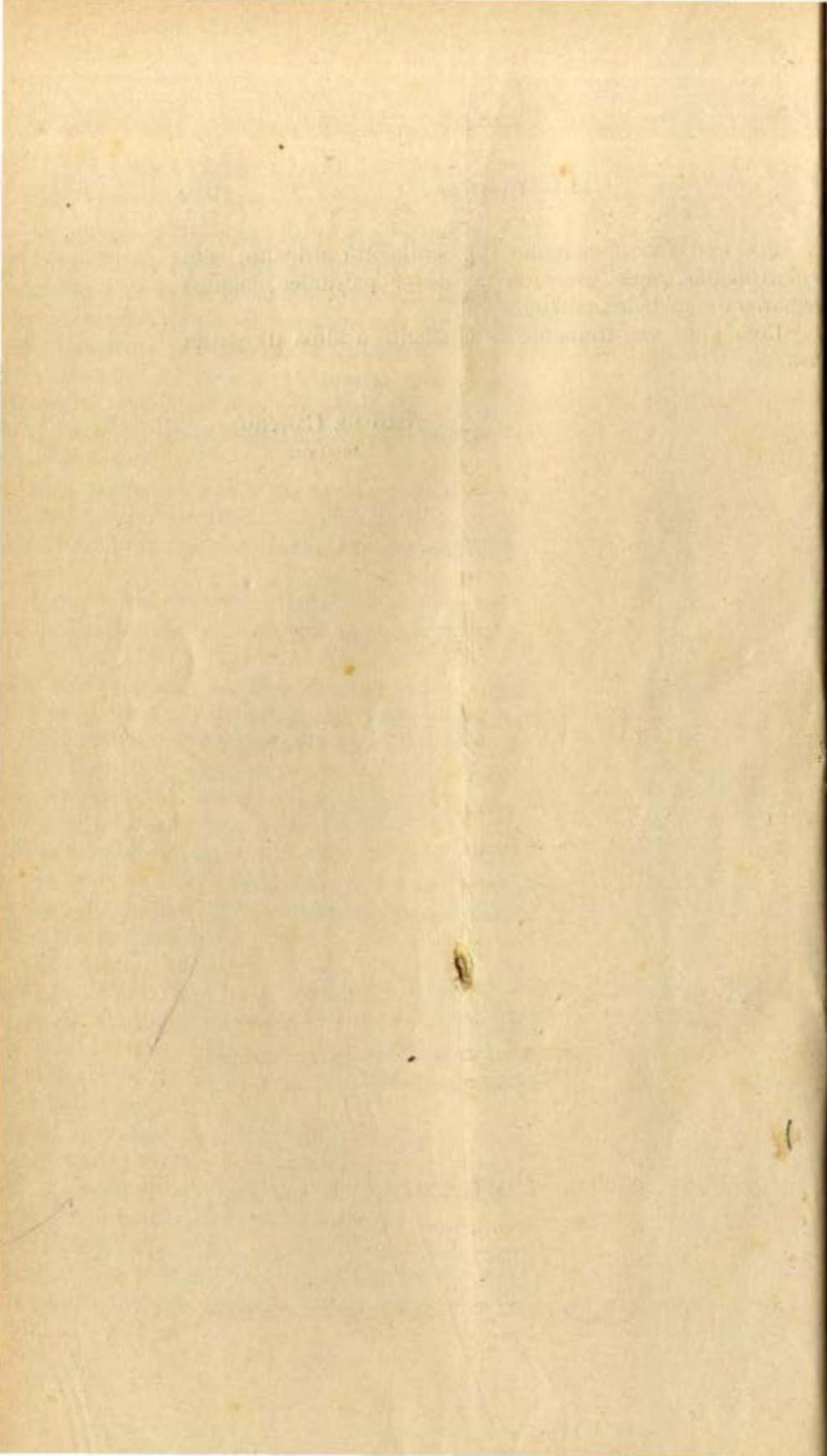
E' bem eriçada de surpresas a epocha que passa e por de mais assignalada de verdadeiras extorsões; nunca é mau contar com o peor que será sempre o imprevisto.

Por isso vão a caminho do continente africano, sem fanfarronadas, mas escravos do dever patriótico, alguns milhares de soldados portuguezes.

Com elles vae fremente e anhelante a alma da patria lusa.

JOÃO DE CASTRO,

Advogado.



Cartilha Catholica

PELO

PADRE ADRIANO DE MATTOS

Contém Doutrina Christã e sua explicação, Methodo de assistir e ajudar á Missa, Via-Sacra, Rosario e outras devoções e Festas da Egreja.

2.^a EDIÇÃO, REVISTA E AUGMENTADA

Bom papel, excellentes gravuras, e bella encadernação em percalina. E' a edição mais completa e perfeita da *Cartilha de Doutrina Christã*.

Com approvação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto

Preço 100 reis

Imitação de Christo

POR

Antonio Figueiainhas

VERSÃO, PONDERAÇÕES E METHODO DE MISSA

Obra approvada e prefaciada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio Bispo do Porto

Um volume de 703 paginas

PREÇO 300 REIS

À VENDA NA

Companhia Portugueza Editora

Rua da Boavista, 307

PORTO

ACABA DE APPARECER:

O PARAISO DO CHRISTÃO

PELO

Padre J. Lourenço de Mattos

Devocionario dedicado especialmente ás
jovens e ás senhoras.

É livro destinado a um grande successo,
porque versa com toda a proficiencia e espí-
rito religioso o dia, a semana, o mez e o
anno do christão.

*Approvado pelo Rev.^{mo} Sr. D. Antonio,
Bispo do Porto*

PREÇO 400 REIS

PEDIDOS À

Companhia Portugueza Editora

Rua da Boavista, 307

PORTO